

Economia Portuguesa: Crescimento e Competitividade

Augusto Mateus

Instituto Superior de Economia e Gestão
Instituto Formação Empresarial Avançada
Augusto Mateus & Associados

ISEG, 16 Fevereiro 2005

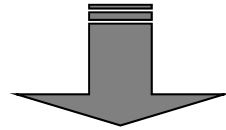


O desenvolvimento do conceito de “competitividade”

A Emergência de um Novo Paradigma

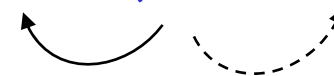
(Económico, Social, Técnico, Organizacional)

Alteração da natureza (e da concepção) do crescimento económico, do desenvolvimento tecnológico e dos processos de inovação



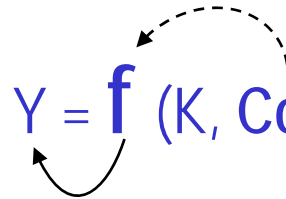
Modernização tecnológica centrada nos equipamentos,
Concepção linear da inovação, "Ciclos de vida" longos

"Crescimento exógeno" $Y = f(K, \text{Trabalho})$



Desenvolvimento tecnológico centrado no conhecimento,
Concepção integrada e interactiva da inovação na cadeia de valor,
"Ciclos de vida" (tecnologias, produtos, qualificações,...) curtos

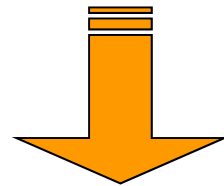
"Crescimento endógeno" $Y = f(K, \text{Competências})$



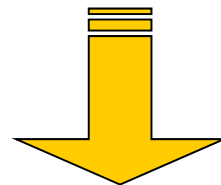
A Emergência de um Novo Paradigma

(Económico, Social, Técnico, Organizacional)

Alteração da natureza (e da concepção) do crescimento económico, do desenvolvimento tecnológico e dos processos de inovação



Novos modelos de produção e eficiência económica (valorização da “**eficiência colectiva**” e da lógica de “cluster”).



Novos princípios de organização da produção e distribuição (valorização das **lógicas de rede**).

A Face do Novo Paradigma Competitivo

“Better, Faster, Cheaper”

Melhor, mais rápido, a mais baixo custo

Minimizar recursos

em vez de

Maximizar receitas

Organização, Sistema, Valor

em vez de

Trabalho, Equipamento, Produção

Flexibilidade e Qualidade Total (puxada pela organização)

em vez de

Rigidez e Qualidade parcial (empurrada pela tecnologia)

“Delivered ou Made by”

em vez de

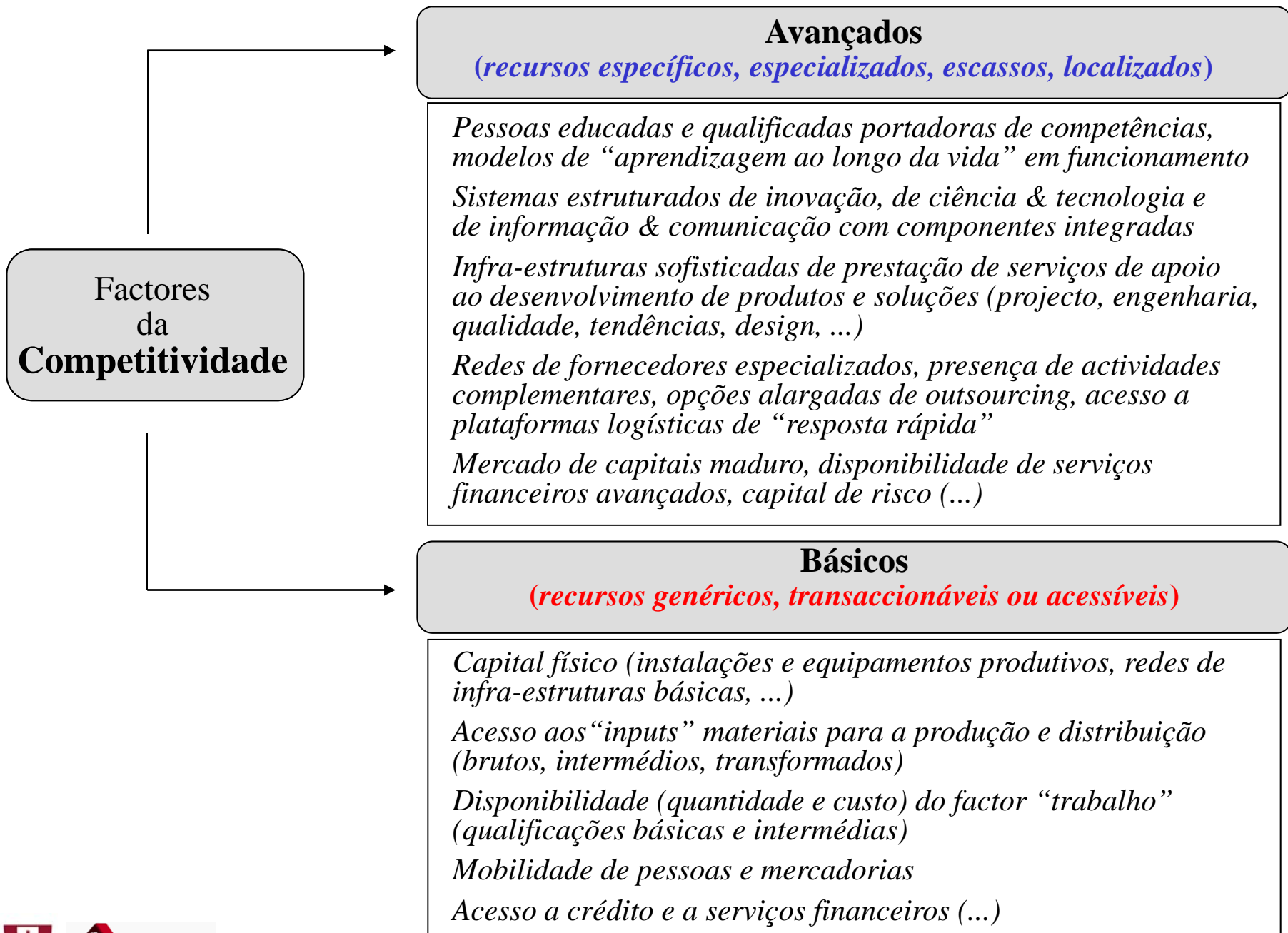
“Made in”

Informação, Conhecimento, Imaterial, Diferenciação

Competitividade: Dimensões, Factores e Determinantes

os *factores dinâmicos* afirmam-se sobre os *factores estáticos* da competitividade, no quadro mais vasto da valorização da construção das vantagens competitivas duradouras, de médio e longo prazo, sobre as simples vantagens comparativas reveladas, no curto prazo, no comércio internacional.

os *factores avançados* afirmam-se sobre os *factores básicos* da competitividade, no quadro mais vasto da progressiva afirmação dos *aspectos* mais *qualitativos* associados à criação de valor e à satisfação de dinâmicas de procura progressivamente diferenciadas e crescentemente exigentes, no tempo de resposta, sobre os *aspectos* mais *quantitativos* associados à produção física e à mera mobilidade de bens e serviços;



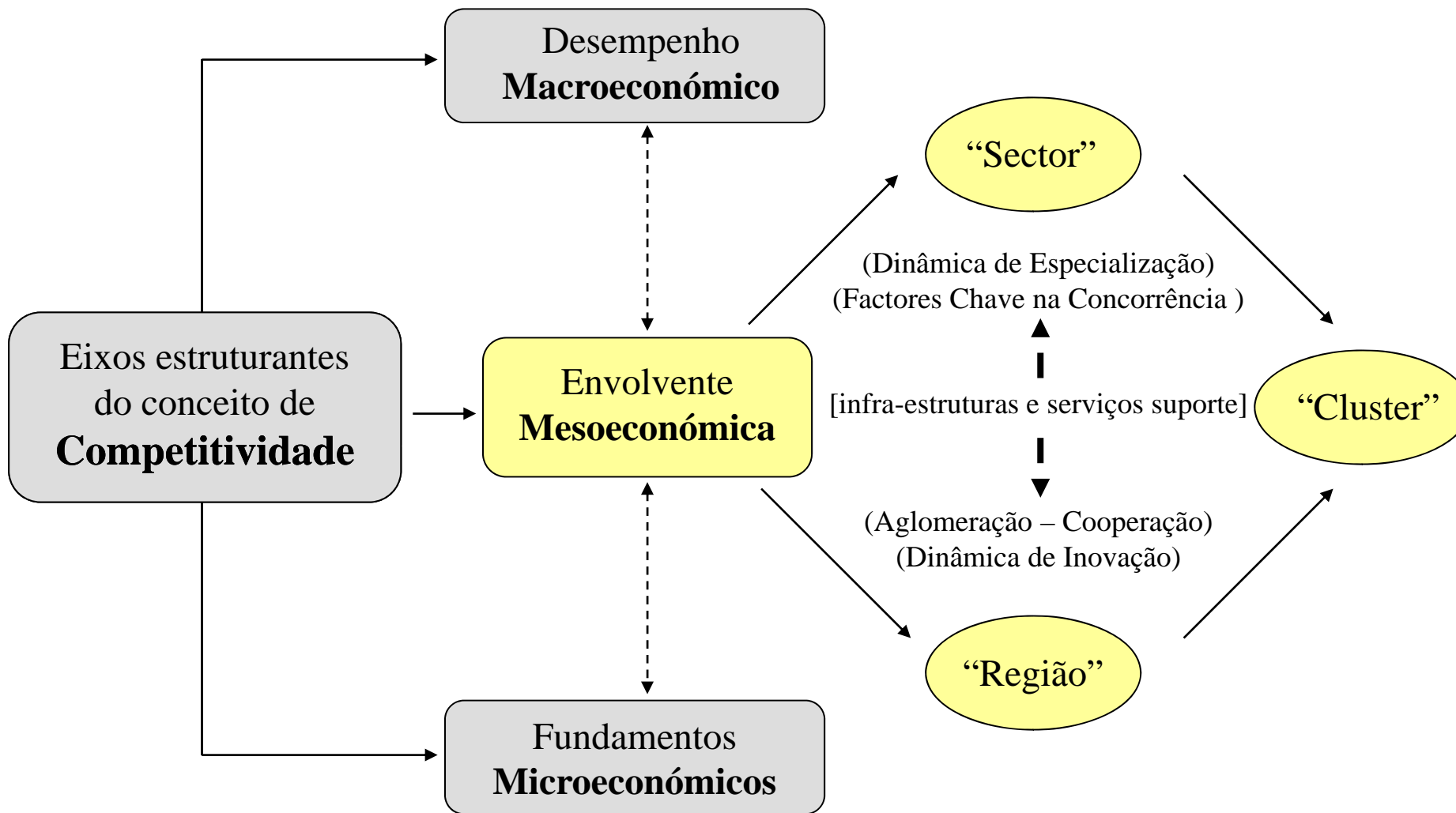
Competitividade: Dimensões, Factores e Determinantes

As visões mais modernas de base horizontal e microeconómica, centradas nas *determinantes não custo* da competitividade, afirmam-se sobre as visões mais tradicionais de base vertical e sectorial, centradas nas *determinantes custo* da competitividade (ganhos de eficiência nas operações internas e/ou de preço nos aprovisionamentos) para produzir ganhos sustentados de eficácia traduzidos em quotas de mercado, margens operacionais, capacidade de investimento e acesso a recursos estratégicos.

Os *fundamentos microeconómicos* afirmam-se sobre as *condições macroeconómicas* da competitividade, no quadro de uma relação onde as segundas surgem como condição necessária, mas não suficiente, enquanto os primeiros se vão relevando crescentemente decisivos para atingir níveis elevados de produtividade

Nível de Vida / “Coesão” / “Sustentabilidade”

(Políticas Públicas, Regulação, Regime de Crescimento, Inserção Internacional)



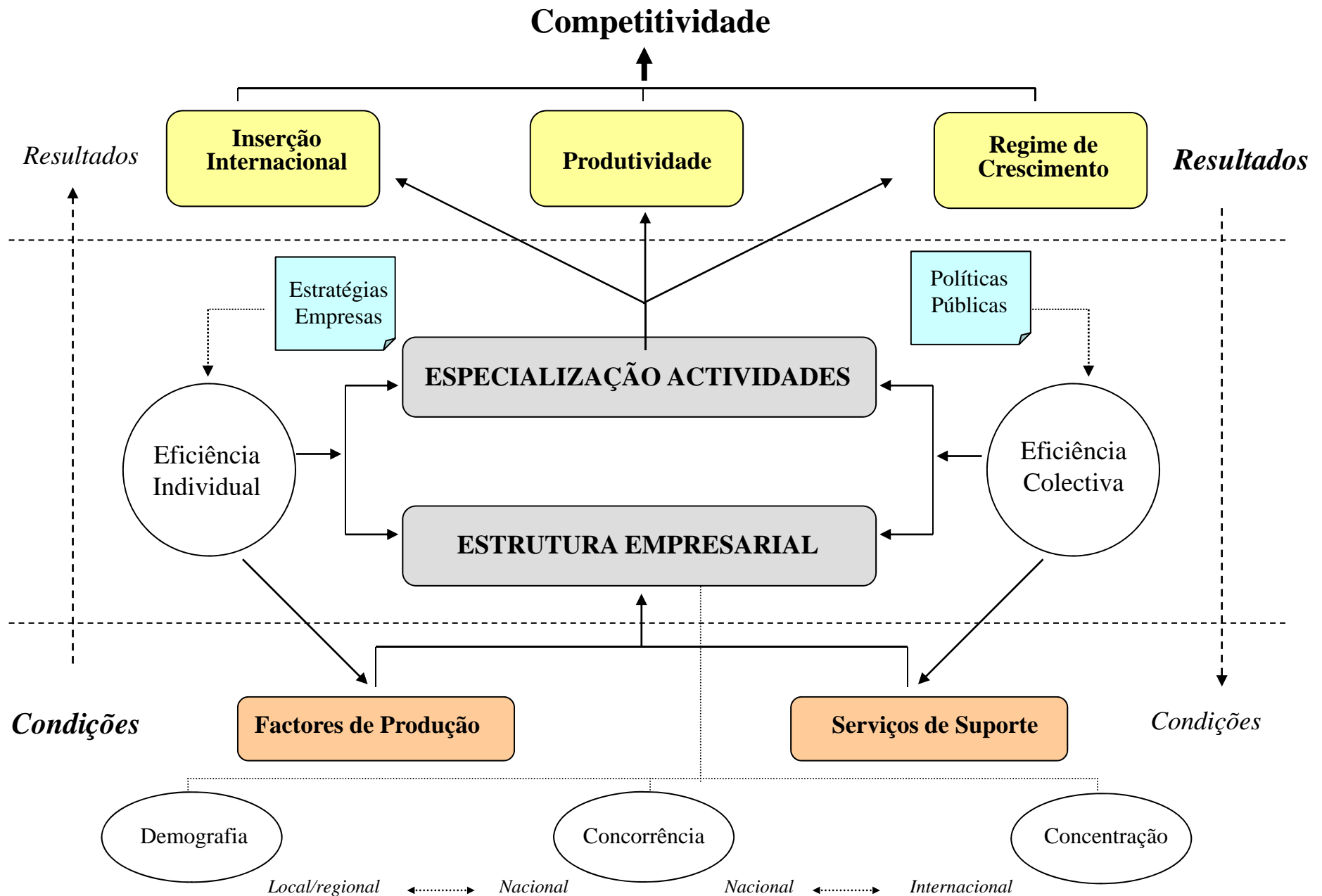
(Organização e Gestão Empresarial, Progresso Tecnológico)

Produtividade / “Cadeia de valor”

Competitividade: Dimensões, Factores e Determinantes

As *dimensões imateriais* da competitividade, associadas ao conhecimento, à propriedade intelectual, à informação e à inovação, indispensáveis à diferenciação e à criação de valor (componentes intangíveis dos investimentos), afirmam-se sobre as *dimensões materiais* da competitividade, associadas ao “capital produtivo”, aos equipamentos e à capacidade de transformar recursos em volumes de produção (componentes *tangíveis* dos investimentos).

Os *factores domésticos ou internos* afirmam-se sobre os *factores estritamente externos* da competitividade, através da compatibilização da competitividade das empresas com a competitividade dos territórios, “fugindo” de formas de competitividade “espúria”, isto é, de reduções de preços e custos, desligadas do processo de capacitação da estruturas internas (pessoas, organizações, instituições) de uma empresa, região ou economia.



O crescimento económico em Portugal: uma questão estrutural



IFEA
Instituto de Formação Empresarial Avançada



A “Dupla Crise” da Economia Portuguesa

A economia portuguesa vive uma situação difícil que pode ser caracterizada como a de uma “**dupla crise**”, isto é, como a de uma manifestação simultânea, complexa e articulada de **dificuldades de natureza conjuntural**, que se têm traduzido numa estagnação duradoura do ritmo de crescimento económico, e de **dificuldades de natureza estrutural**, que se têm traduzido num impasse alargado na renovação atempada da sua base e modelos competitivos numa União Europeia em alargamento e numa economia mundial crescentemente globalizada.

A estagnação conjuntural: a progressiva desaceleração do crescimento económico

Ao nível dos **factores conjunturais internos** importa destacar a crise das finanças públicas que colocou Portugal, em 2001, numa situação de défice excessivo face às regras do Pacto de Estabilidade e Crescimento e induziu, desde então, uma política macroeconómica marcada pela fortíssima prioridade concedida à redução do défice orçamental com consequências relevantes quer ao nível da travagem do crescimento das despesas públicas, quer ao nível do agravamento da tributação indirecta.

A estagnação conjuntural: a progressiva desaceleração do crescimento económico

Ao nível dos **factores conjunturais externos** importa destacar a articulação entre uma forte instabilidade política à escala internacional, associada quer à **perda de coerência dos modelos de “governância”** das sociedades e dos Estados, quer às dificuldades institucionais de regulação dos fenómenos de globalização, que se traduziu num agravamento global das desigualdades e das tensões sociais, políticas e culturais, e uma não menos **forte instabilidade económica**, associada quer ao progressivo ganho de poder estratégico da “esfera financeira” sobre a “esfera real”, quer à progressiva redução dos ciclos de vida das tecnologias e dos produtos, que se traduziu numa redução do ritmo de crescimento económico e do comércio e investimento internacional.

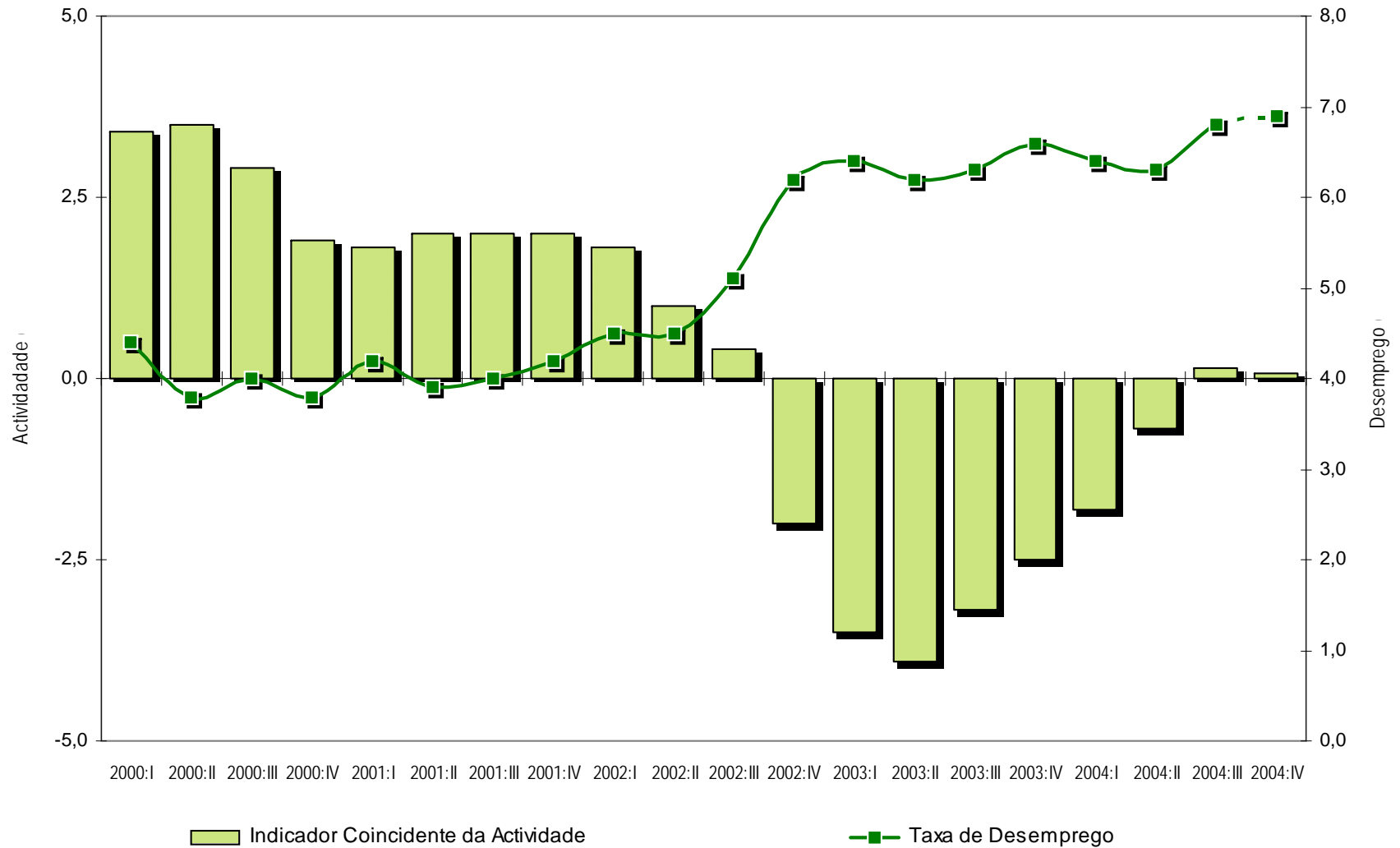
A estagnação conjuntural: a progressiva desaceleração do crescimento económico

ao nível dos **factores estruturais** importa destacar, nomeadamente, os factores associados à reorganização da economia mundial e europeia (entrada da China na Organização Mundial do Comércio, afirmação de uma segunda geração de economias asiáticas de forte intensidade exportadora, alargamento da União Europeia às economias centrais e orientais de baixos salários e elevadas qualificações), os factores associados à evolução demográfica das sociedades mais desenvolvidas (envelhecimento/protecção social, imigração) e os factores associados a uma substancial volatilização quer das condições de localização das actividades económicas de bens transaccionáveis, quer dos respectivos empregos.

O ciclo 2000-2004, A "retoma" e as perspectivas de crescimento para a economia portuguesa

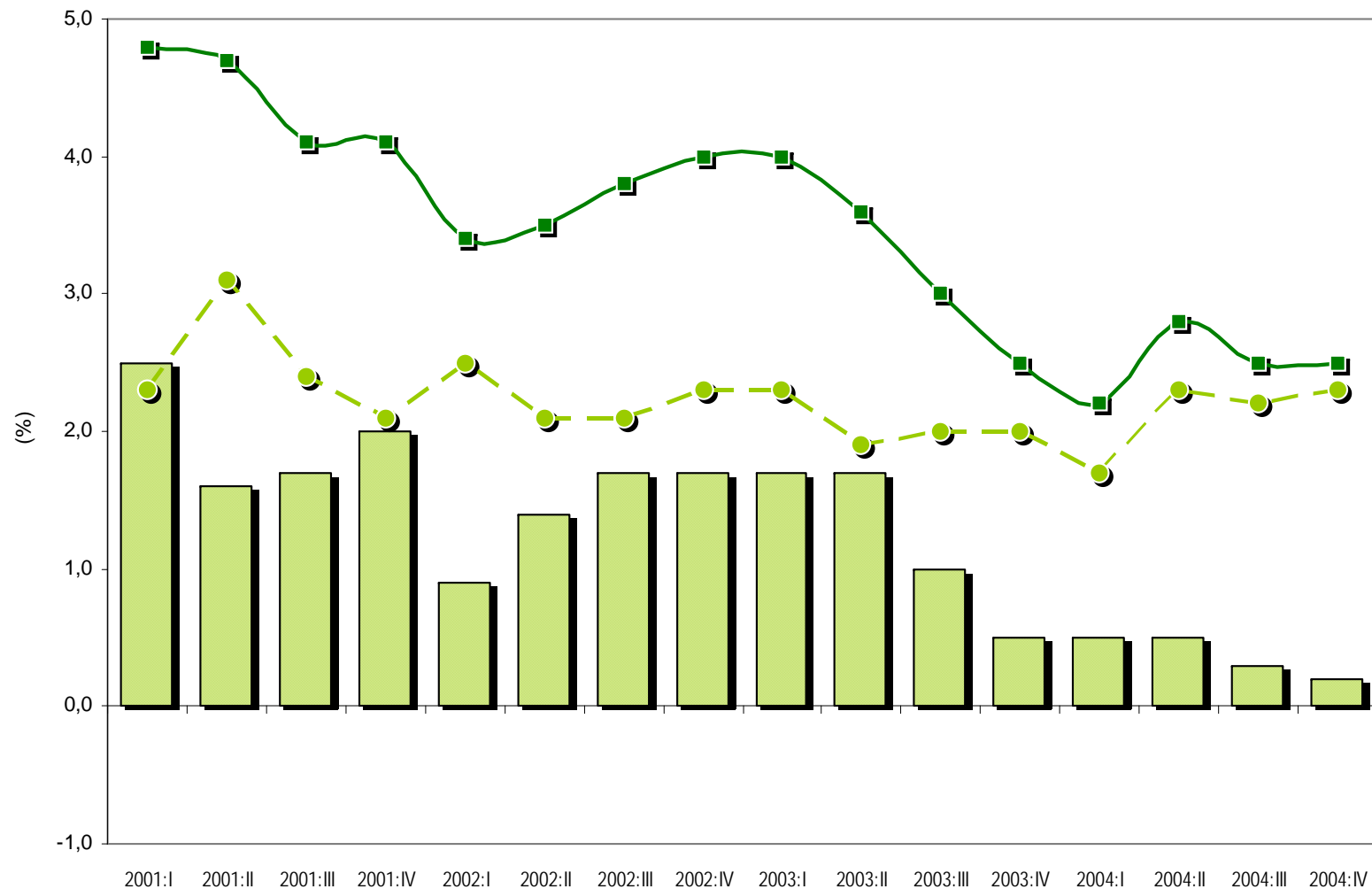
Portugal (2000-2004)

actividade económica: recessão forte e retoma frágil



Evolução do diferencial de inflação

(Portugal – Zona EURO, 2000-2004)



Diferencial

Inflação (Portugal)

Inflação (Zona Euro)



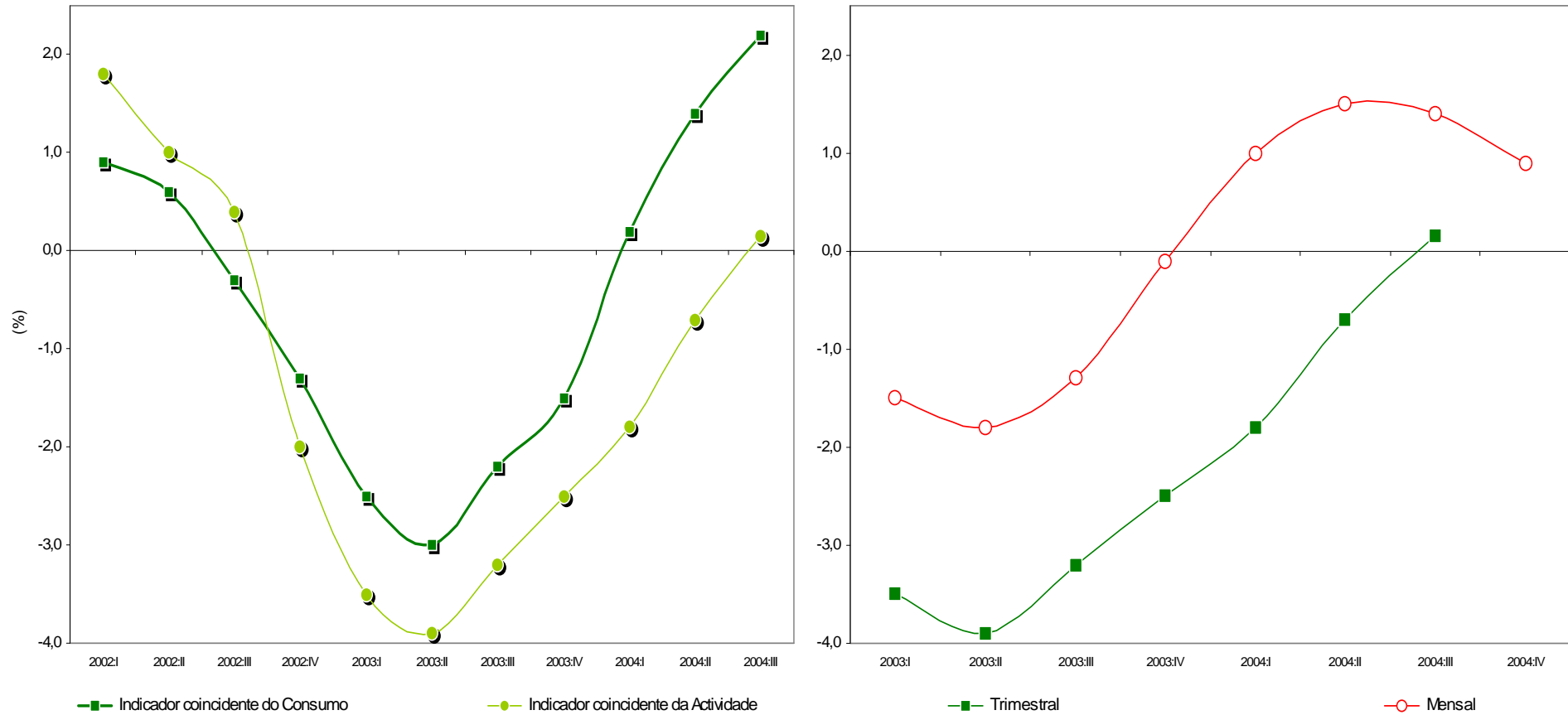
IFEA



Instituto de Formação Empresarial Avançada ISEG

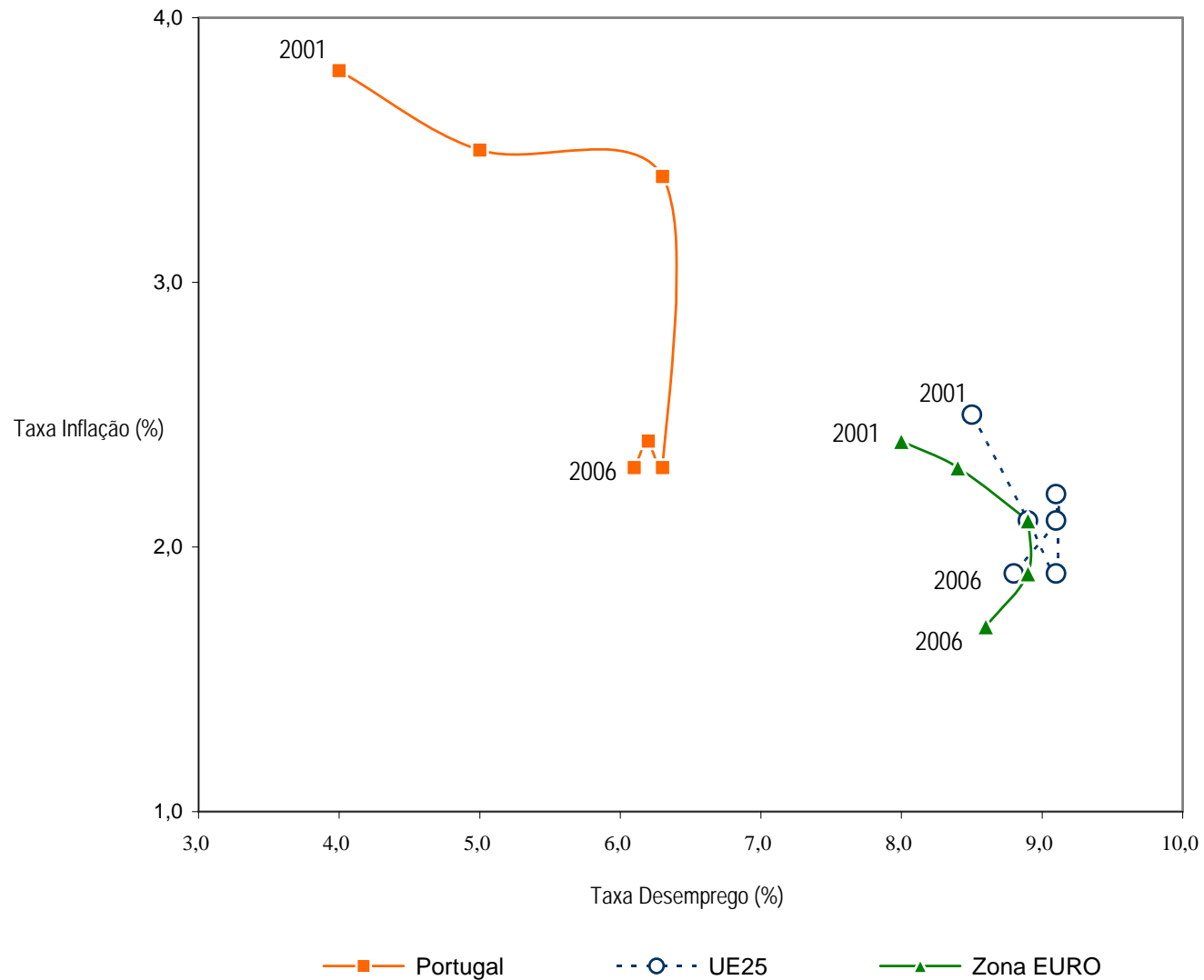
Portugal

Primeiros sinais de travagem do ciclo negativo no II semestre de 2003
Retoma em dificuldade no II semestre de 2004



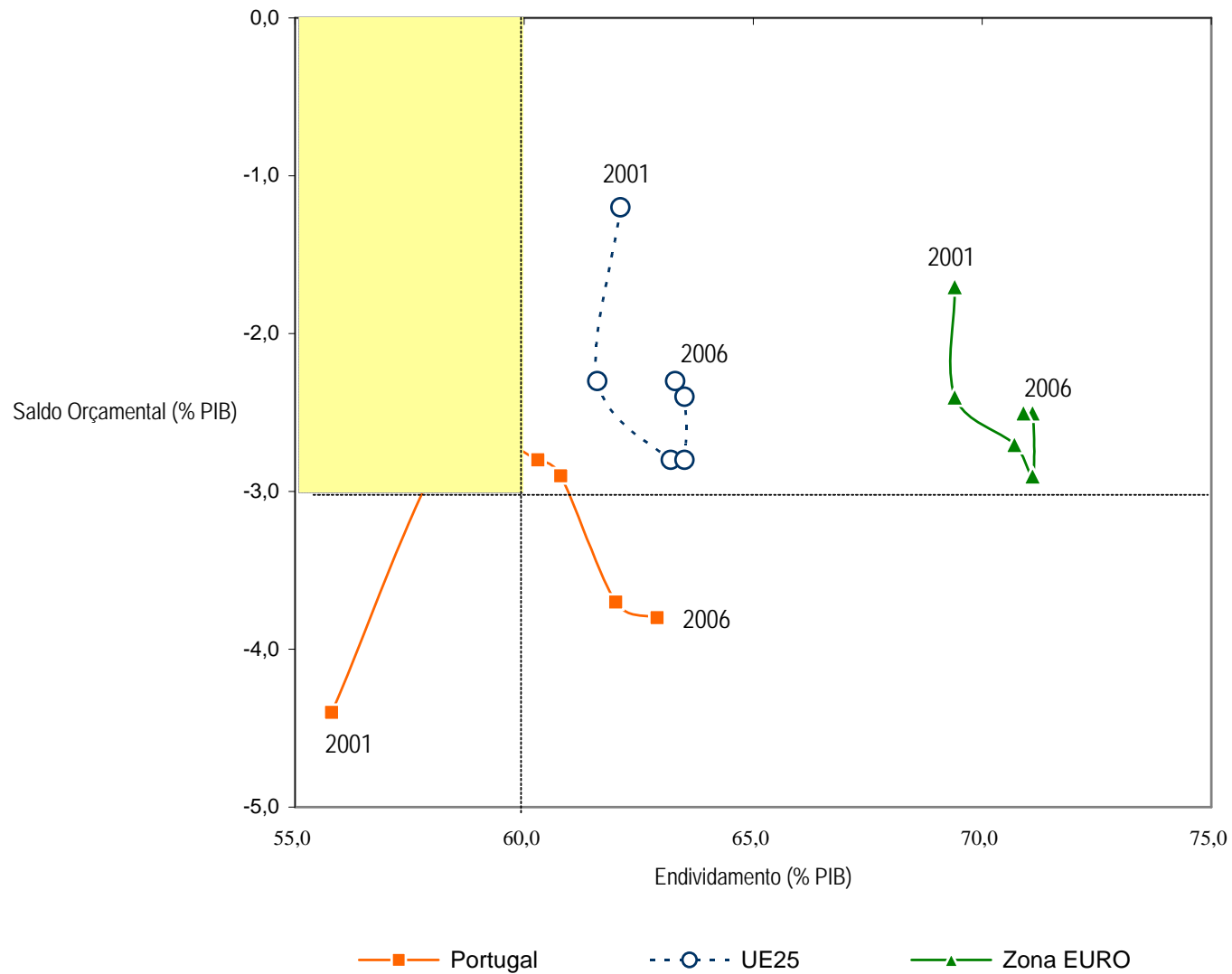
Portugal

Mercado de Trabalho: necessidade de maior mobilidade e dinamismo



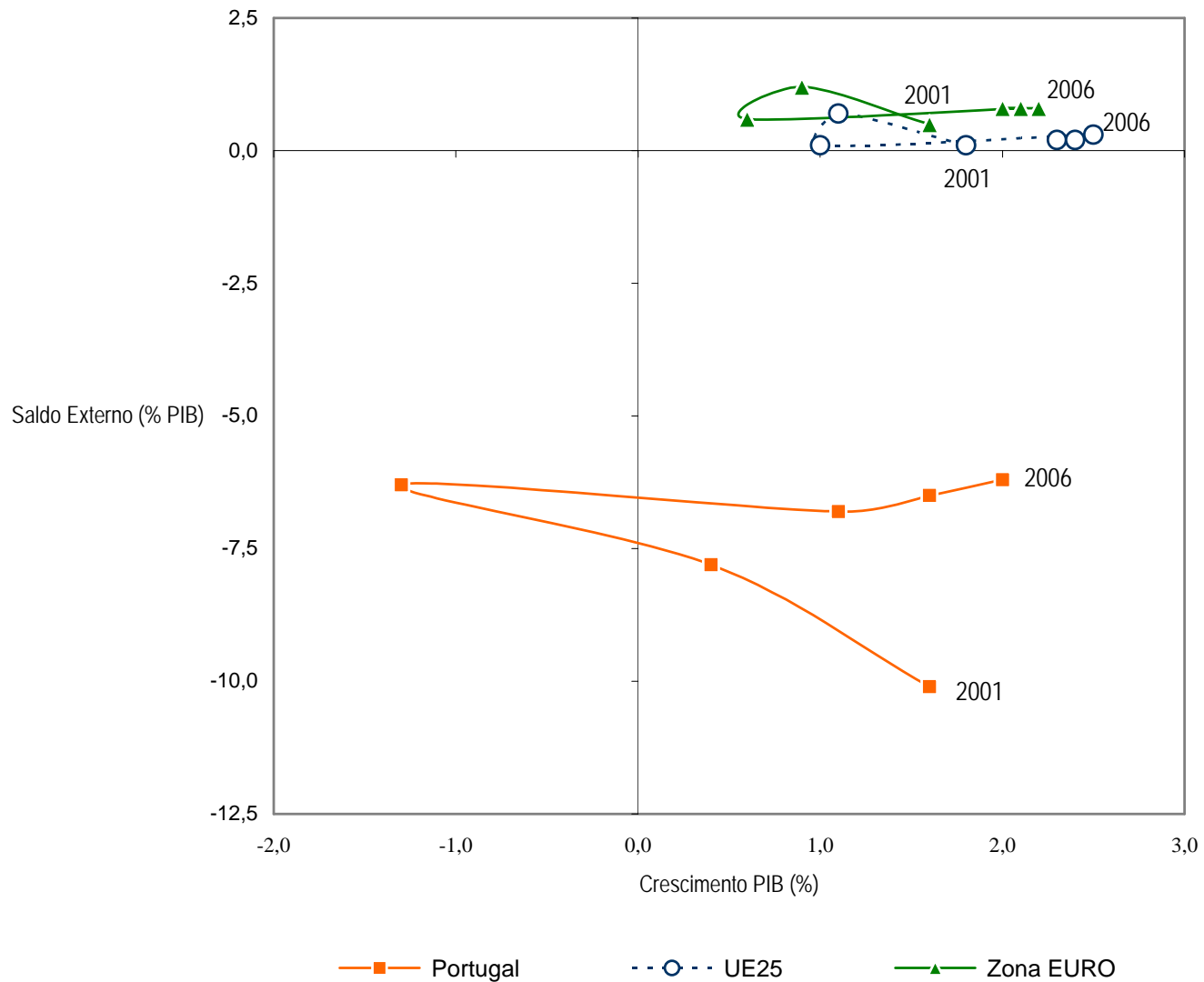
Portugal

Finanças Públicas: necessidade de consolidação e sustentabilidade



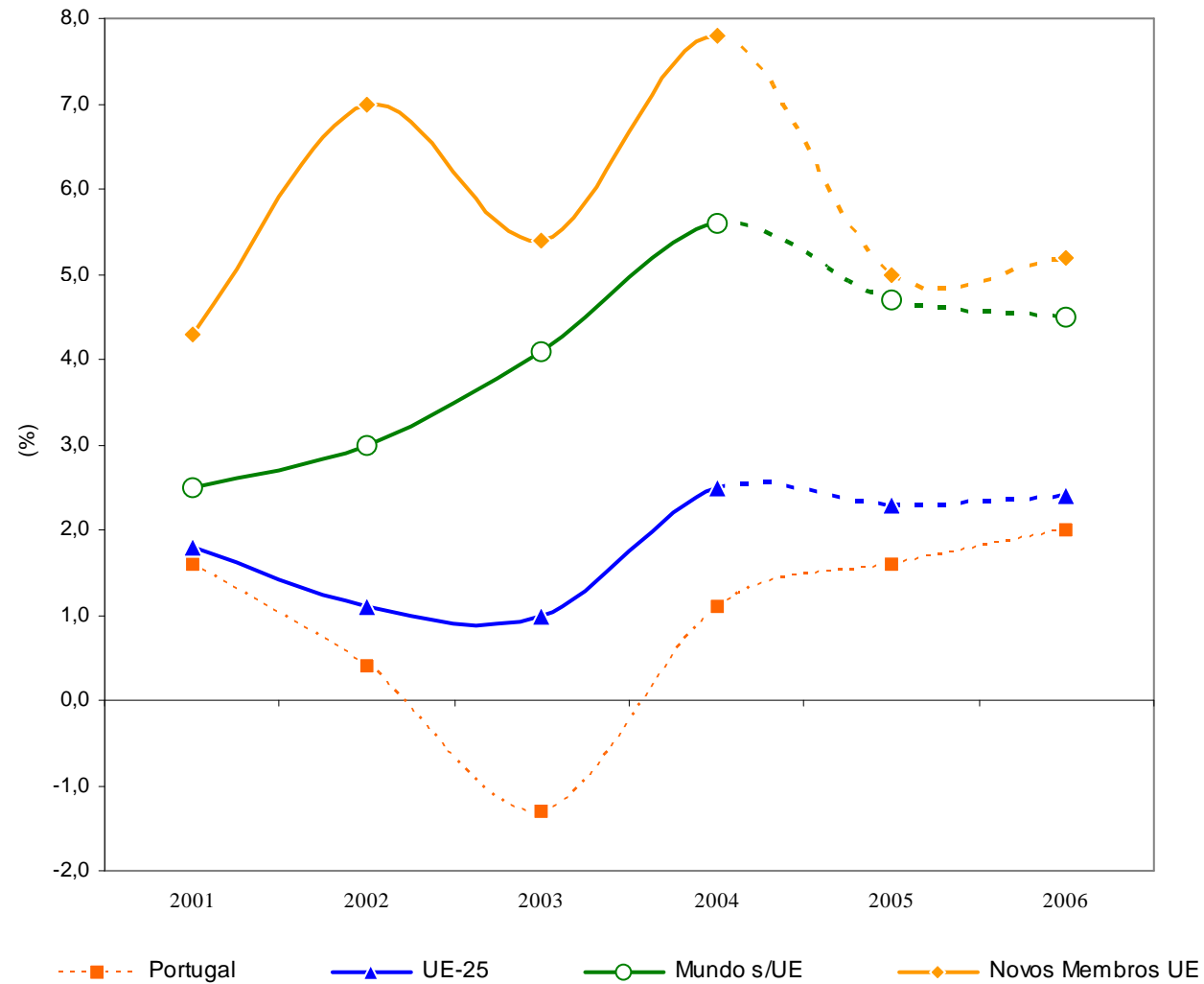
Portugal

Crescimento: necessidade de novo modelo de internacionalização



Portugal

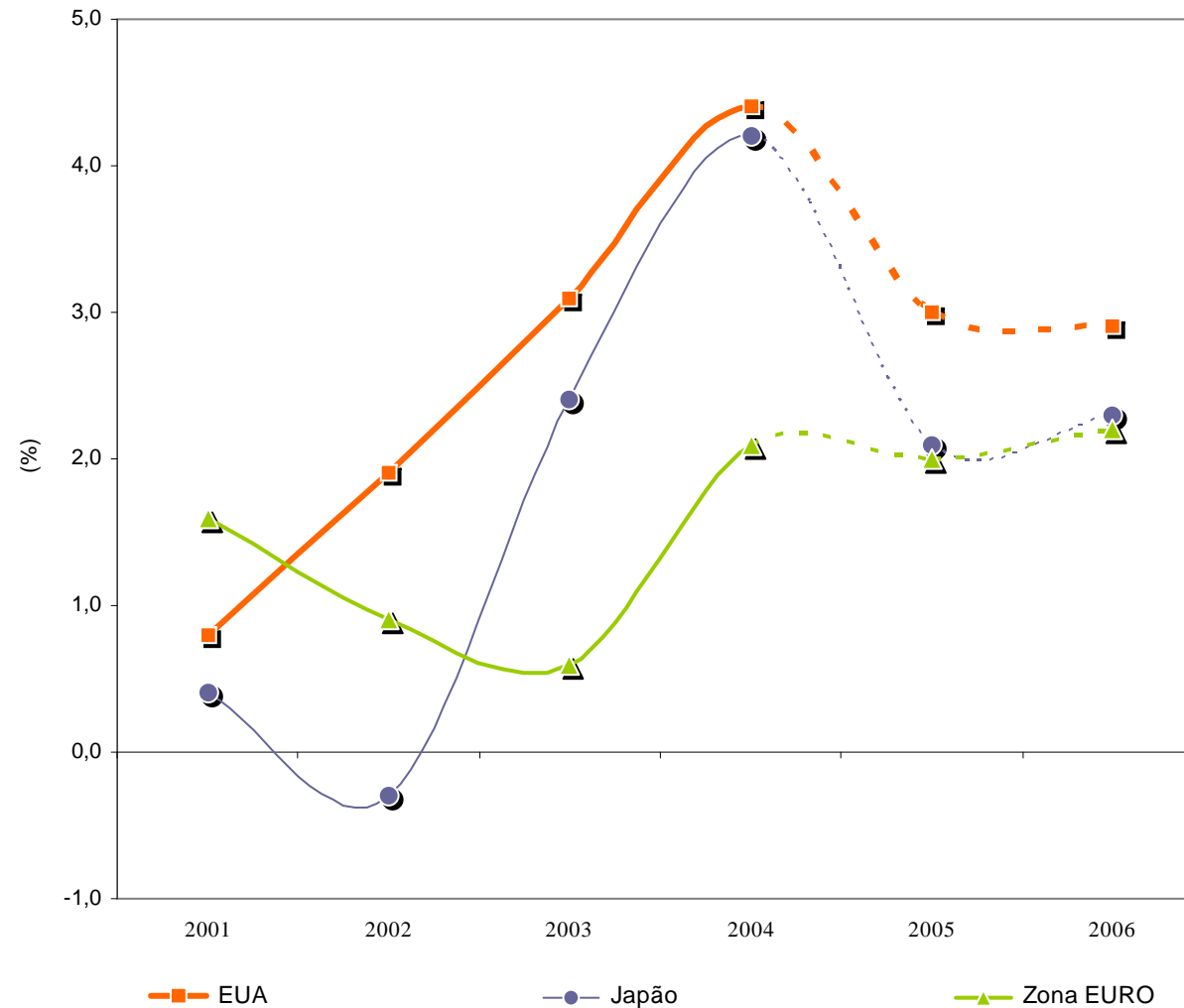
um problema específico de crescimento económico



Três modelos de Política Económica em acção nos grandes pilares da Economia Mundial

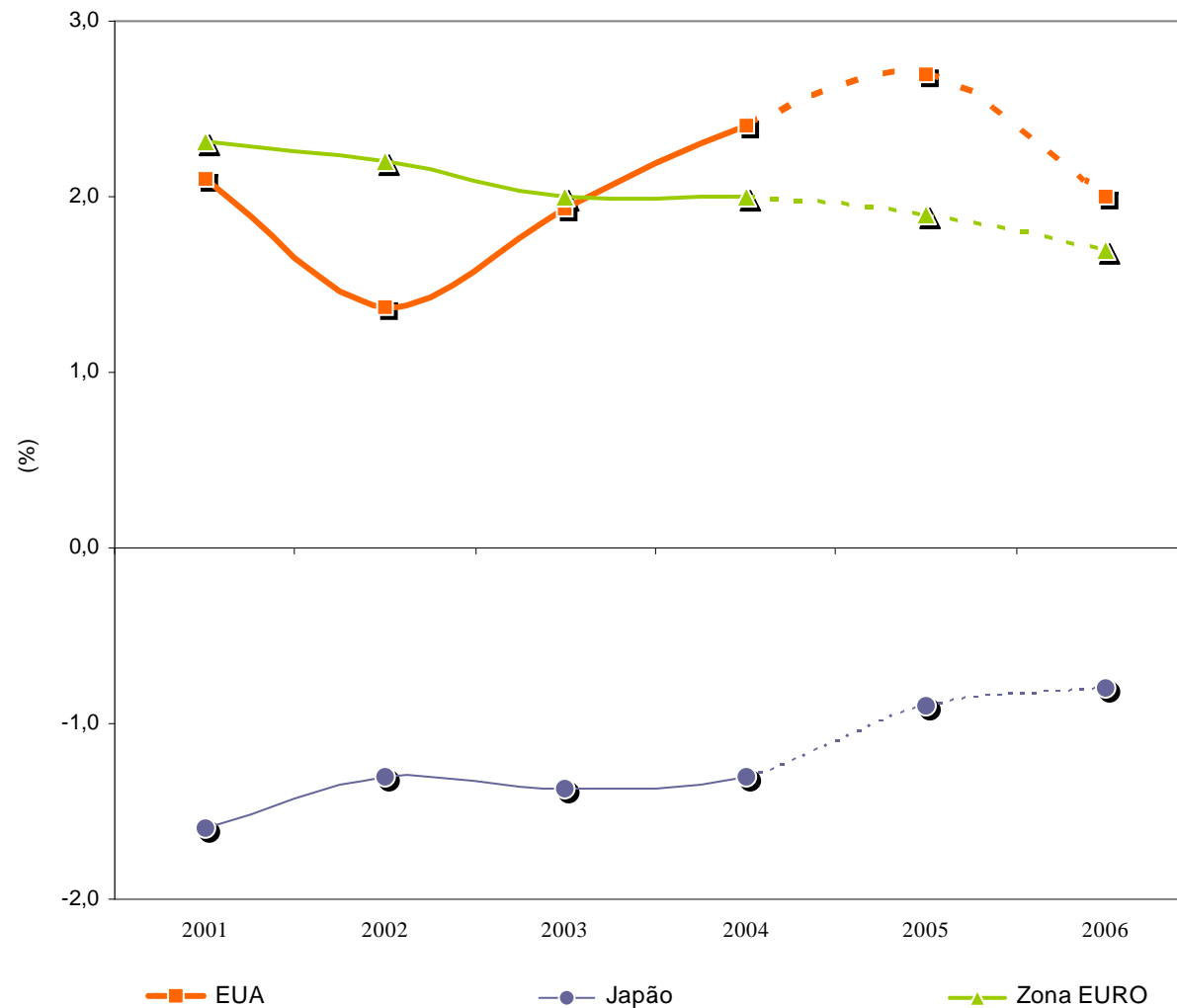
CRESCIMENTO

(variação anual média do PIB em volume)



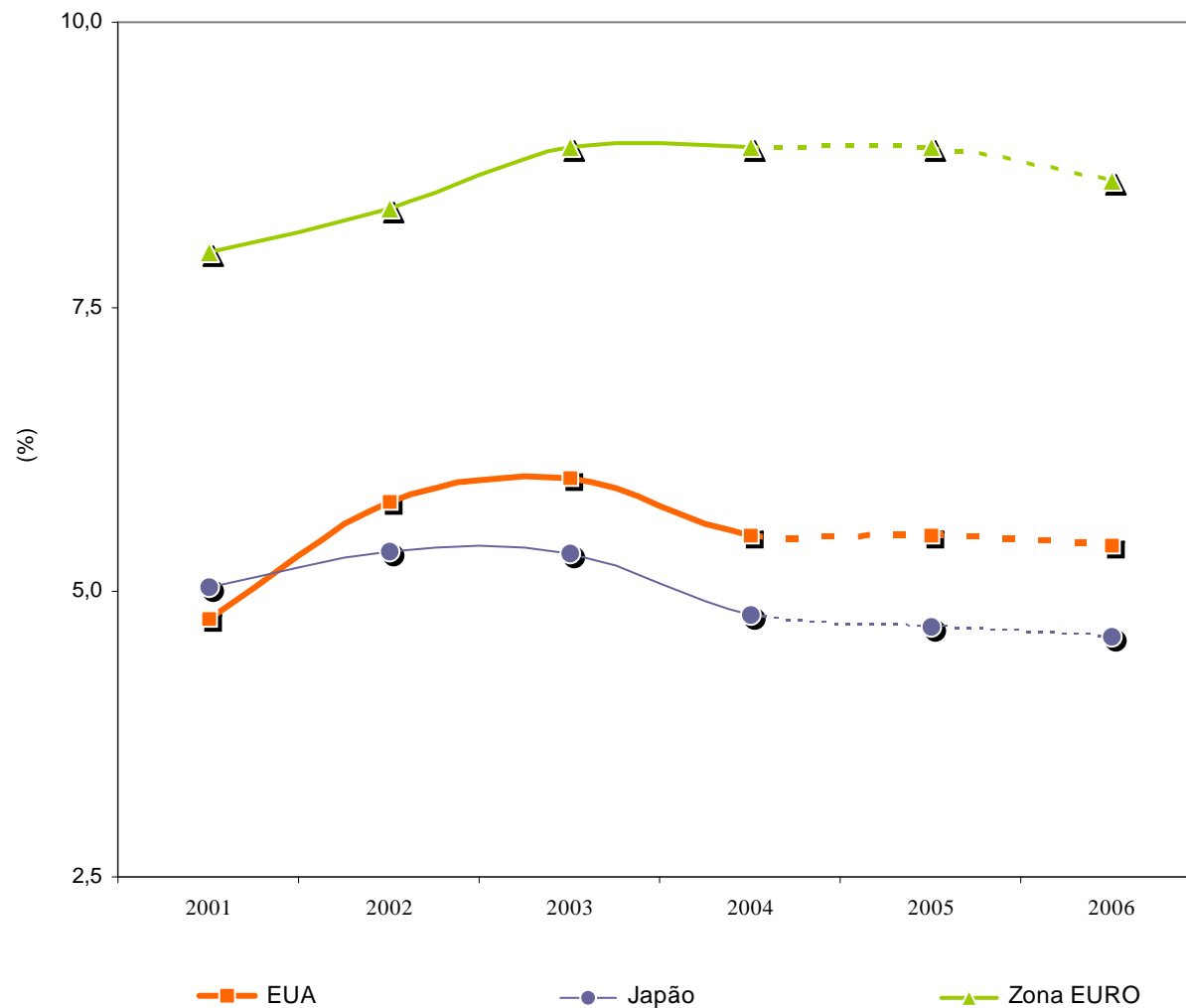
INFLAÇÃO

(variação média anual do deflator do Consumo Privado)



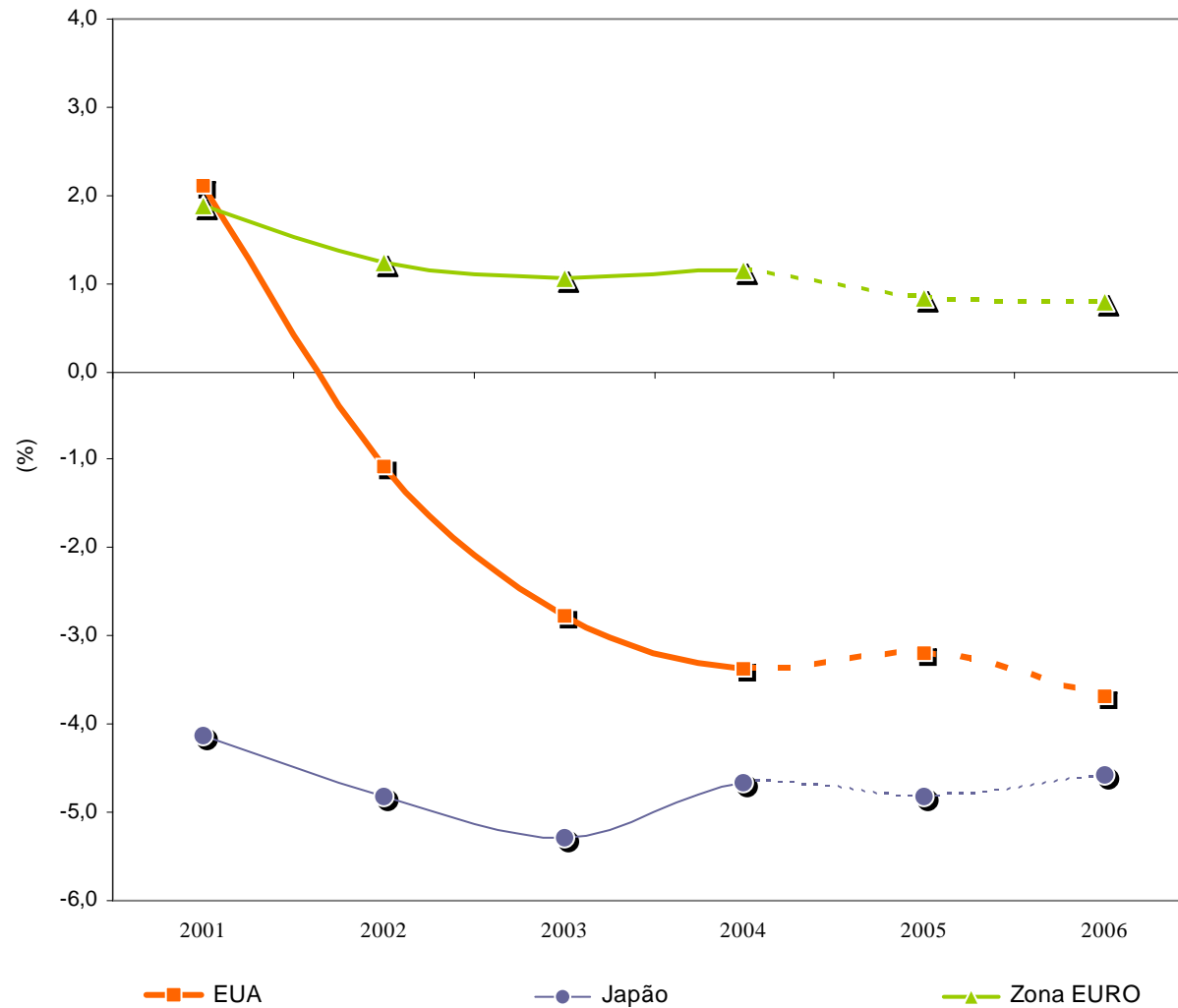
DESEMPREGO

(taxa de desemprego, % população activa)



SALDO ORÇAMENTAL

(saldo primário ciclicamente ajustado, em % do PIB)



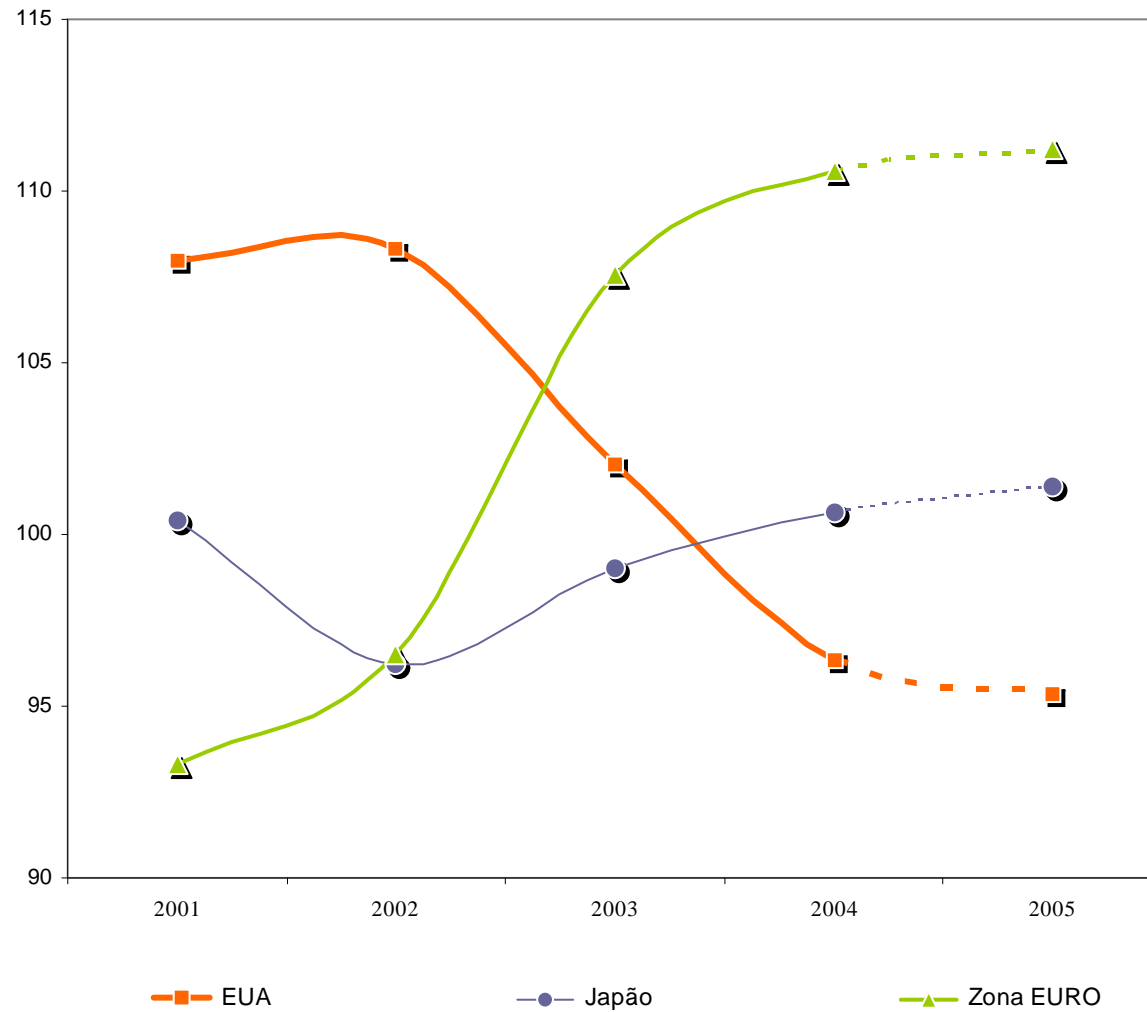
SALDO EXTERNO

((balança corrente, em % do PIB))

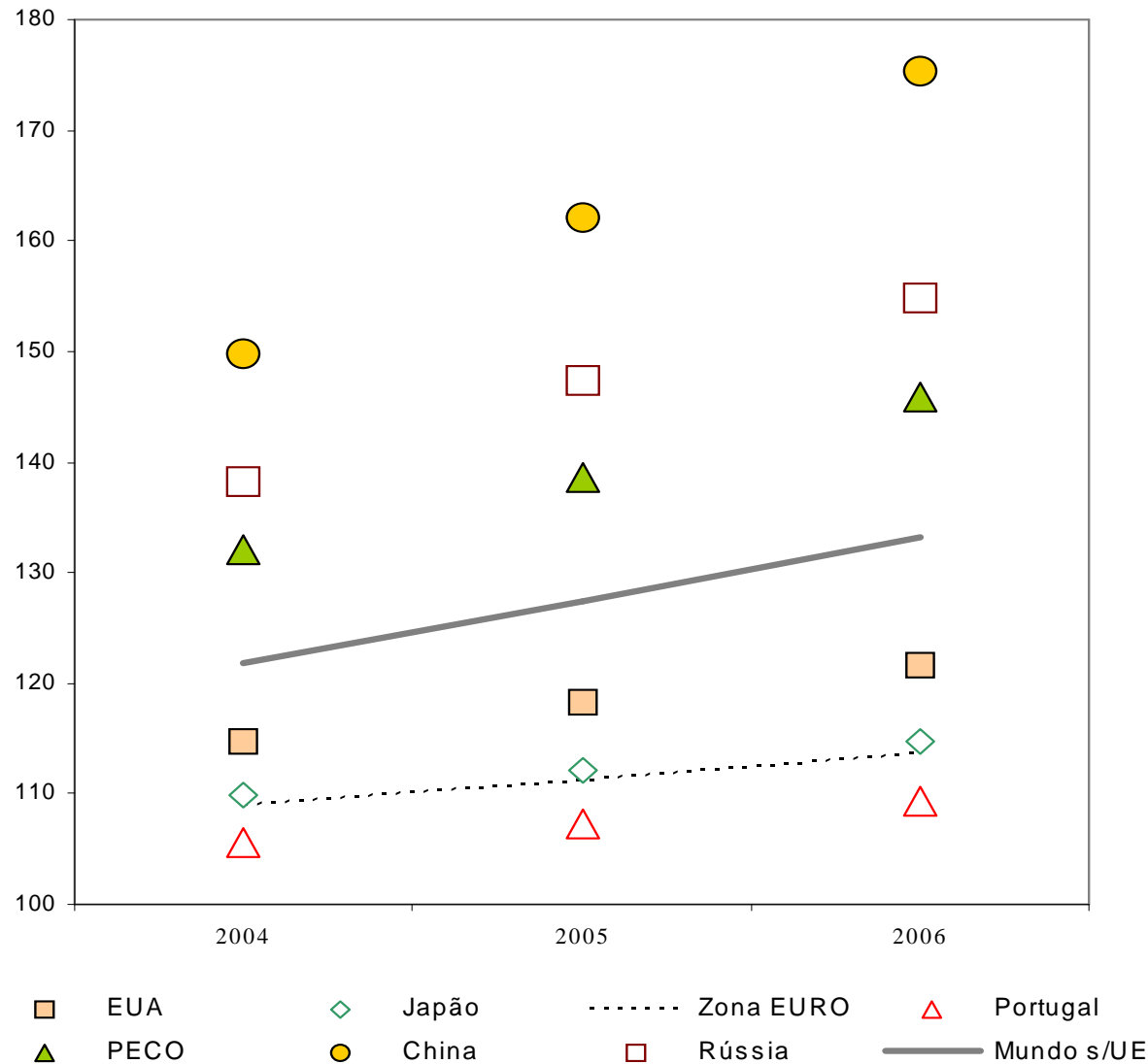


TAXA de Câmbio

(variação da taxa de câmbio efectiva, 1999=100)



Crescimento Económico Comparado (realidades e previsões 2000-2006)



O impasse estrutural: A crescente debilidade competitiva da economia portuguesa

A **deterioração da posição competitiva** de Portugal em matéria comercial (balança de bens e serviços) que, articulada com a manutenção de um forte ritmo de crescimento do consumo privado na segunda metade dos anos noventa, polarizado por modelos com significativo conteúdo em importações, tem consequências na degradação progressiva das taxas de cobertura e, desse modo, na expansão do défice comercial .

O impasse estrutural: A crescente debilidade competitiva da economia portuguesa

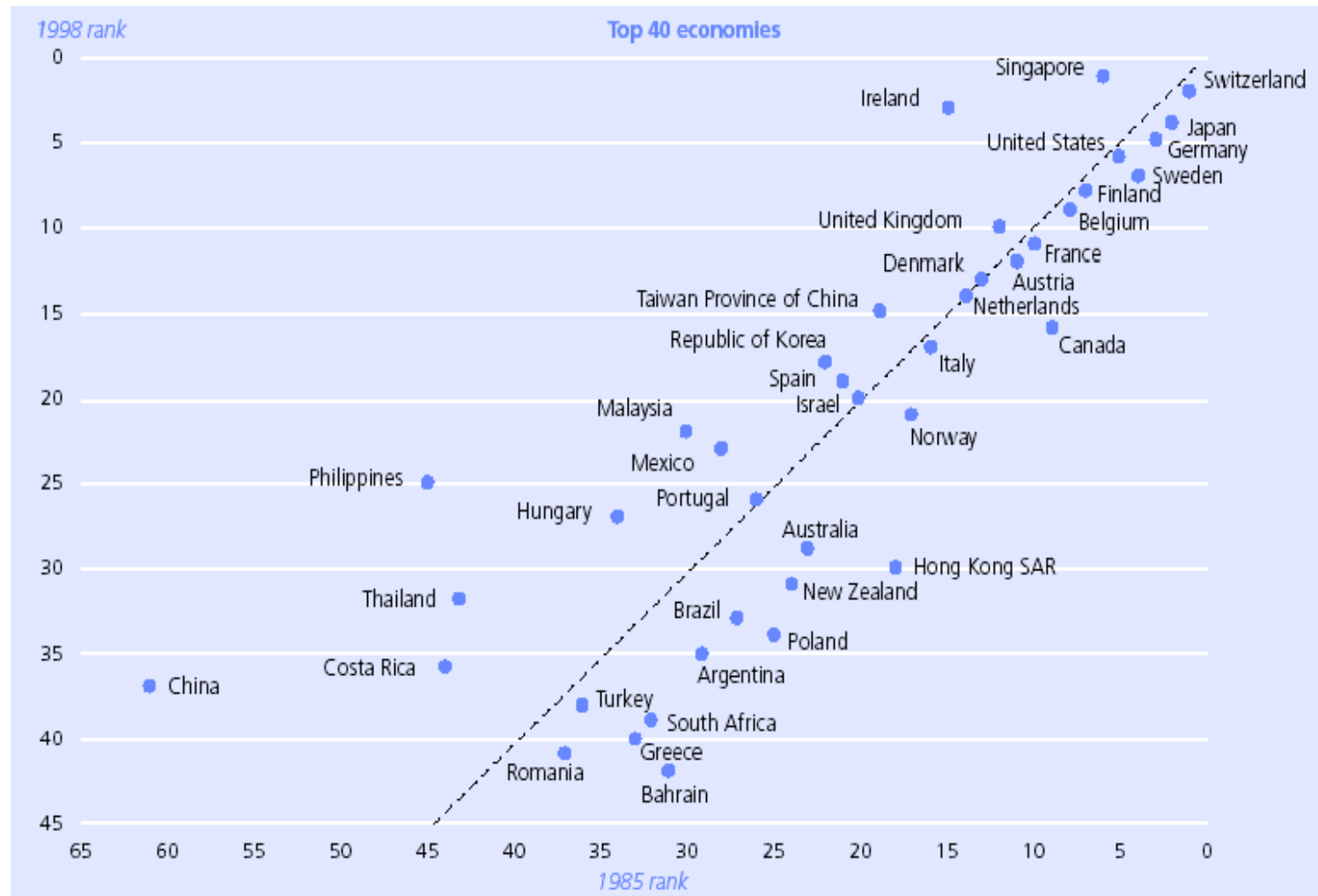
A complexificação do relacionamento internacional da economia portuguesa, nomeadamente ao nível dos movimentos de capitais de curto prazo e ao nível das relações empresariais, que se tem traduzido, também a partir da segunda metade dos anos noventa, numa lenta, mas progressiva, formação de um défice ao nível da balança de rendimentos

O impasse estrutural: A crescente debilidade competitiva da economia portuguesa

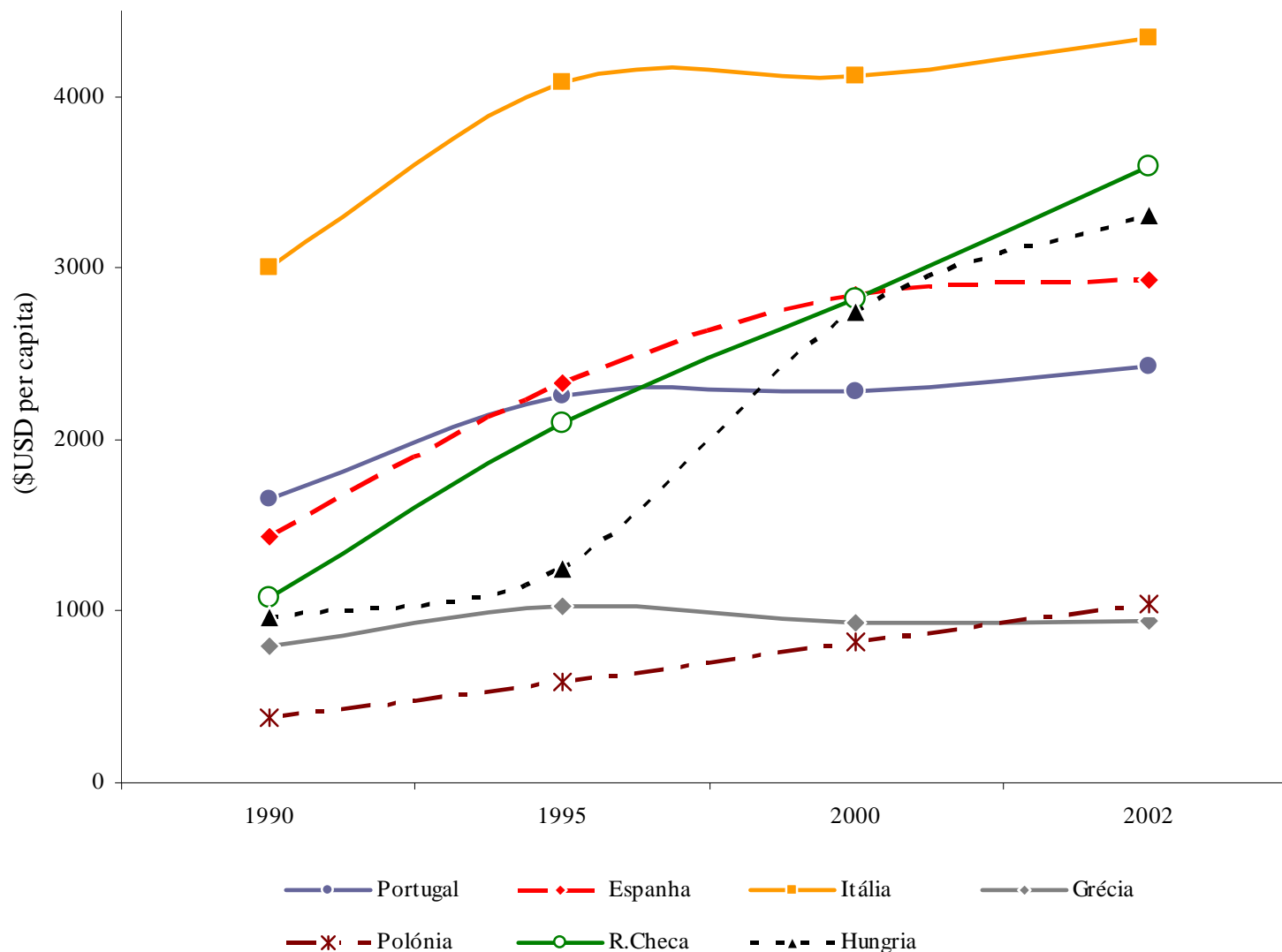
A atenuação do excedente gerado pelas transferências correntes privadas em função essencialmente, do comportamento dos créditos, as remessas de emigrantes (que apenas cresceram 12,9% em termos nominais, entre 1998 e 2002), e dos débitos, as remessas de imigrantes (que, com o aumento dos fluxos de imigração, registaram, no mesmo período, um aumento de 464,2% alcançando um valor de 572,2 milhões de €);

A degradação da inserção internacional da economia portuguesa e os desafios da competitividade

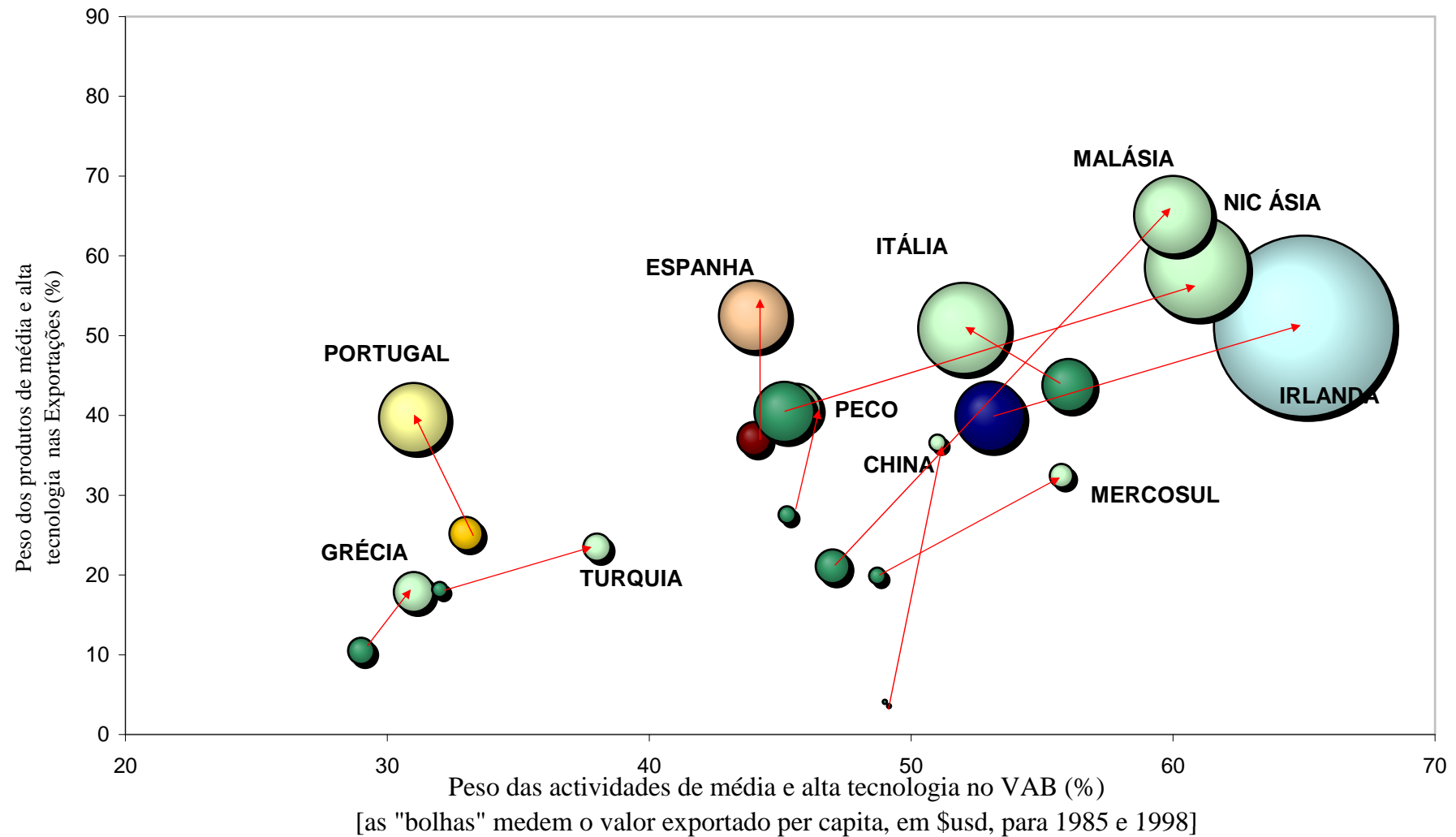
Evolução do Ranking da Performance na Competitividade Industrial (1985-1998)



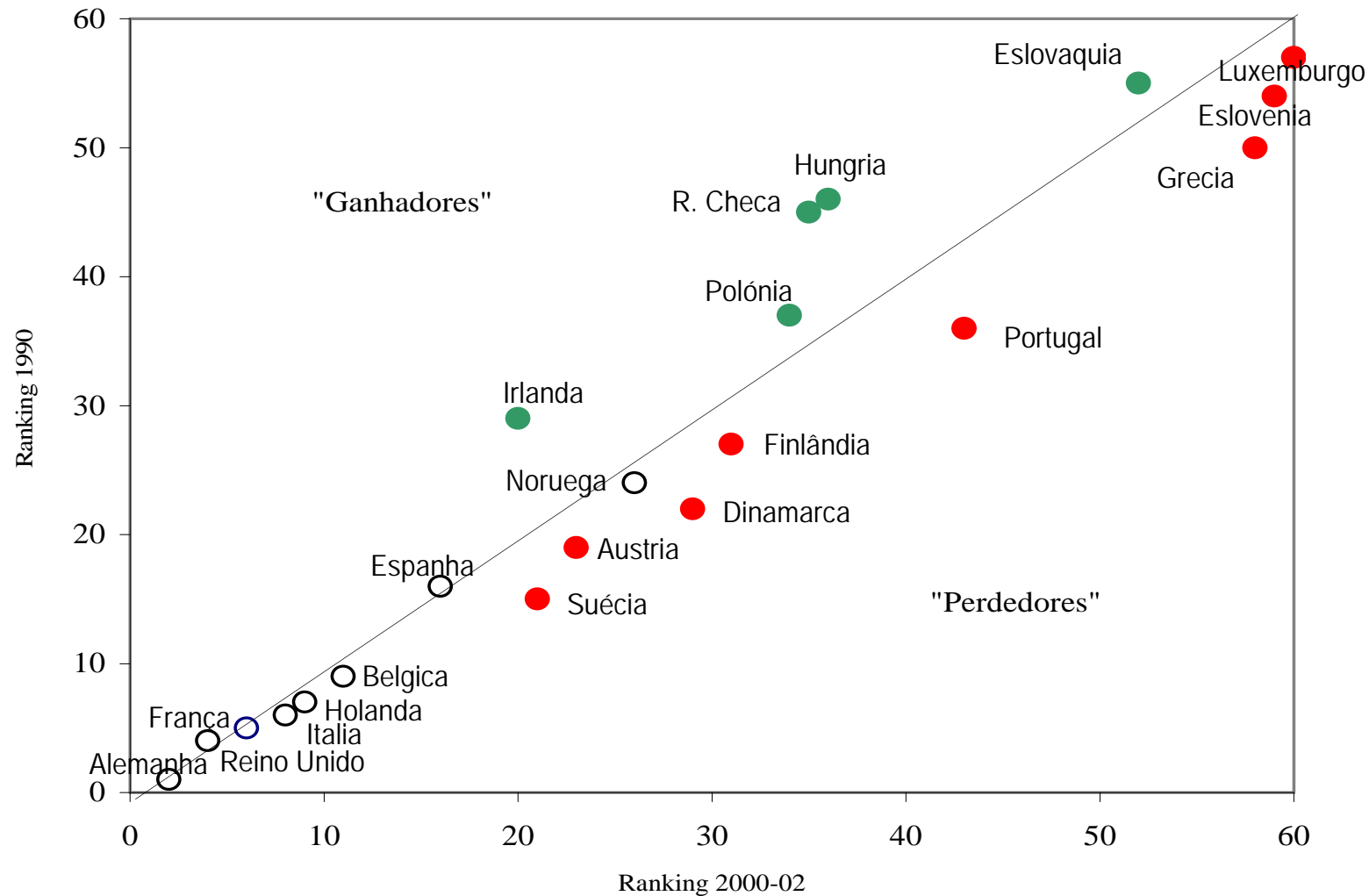
Evolução das Exportações per capita Europa do Sul e PECO



Posicionamento e performance no desenvolvimento industrial (1985-1998)

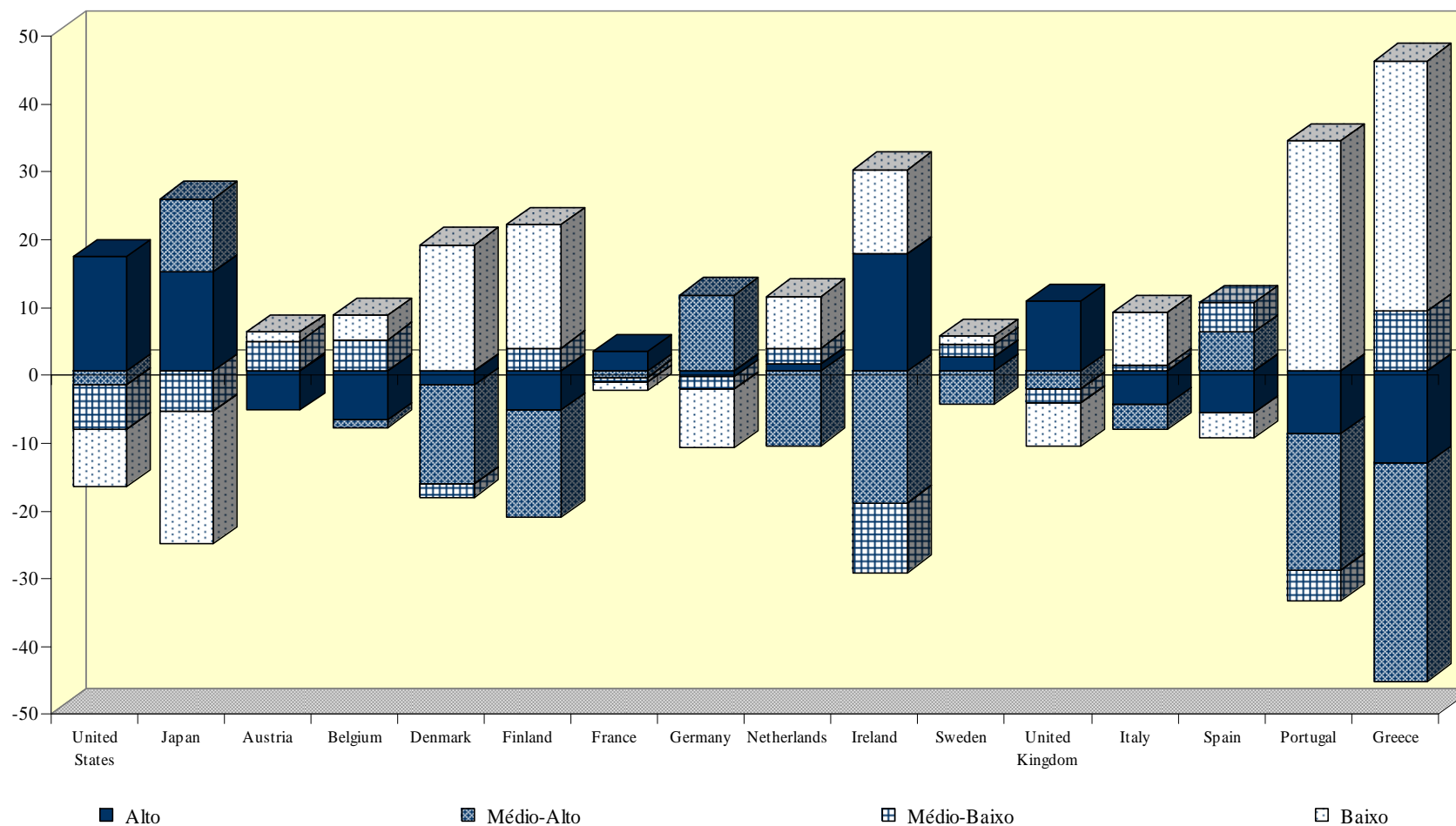


"Ganhadores" e "Perdedores" da Europa Alargada no ranking das Exportações Mundiais (1990-2002)



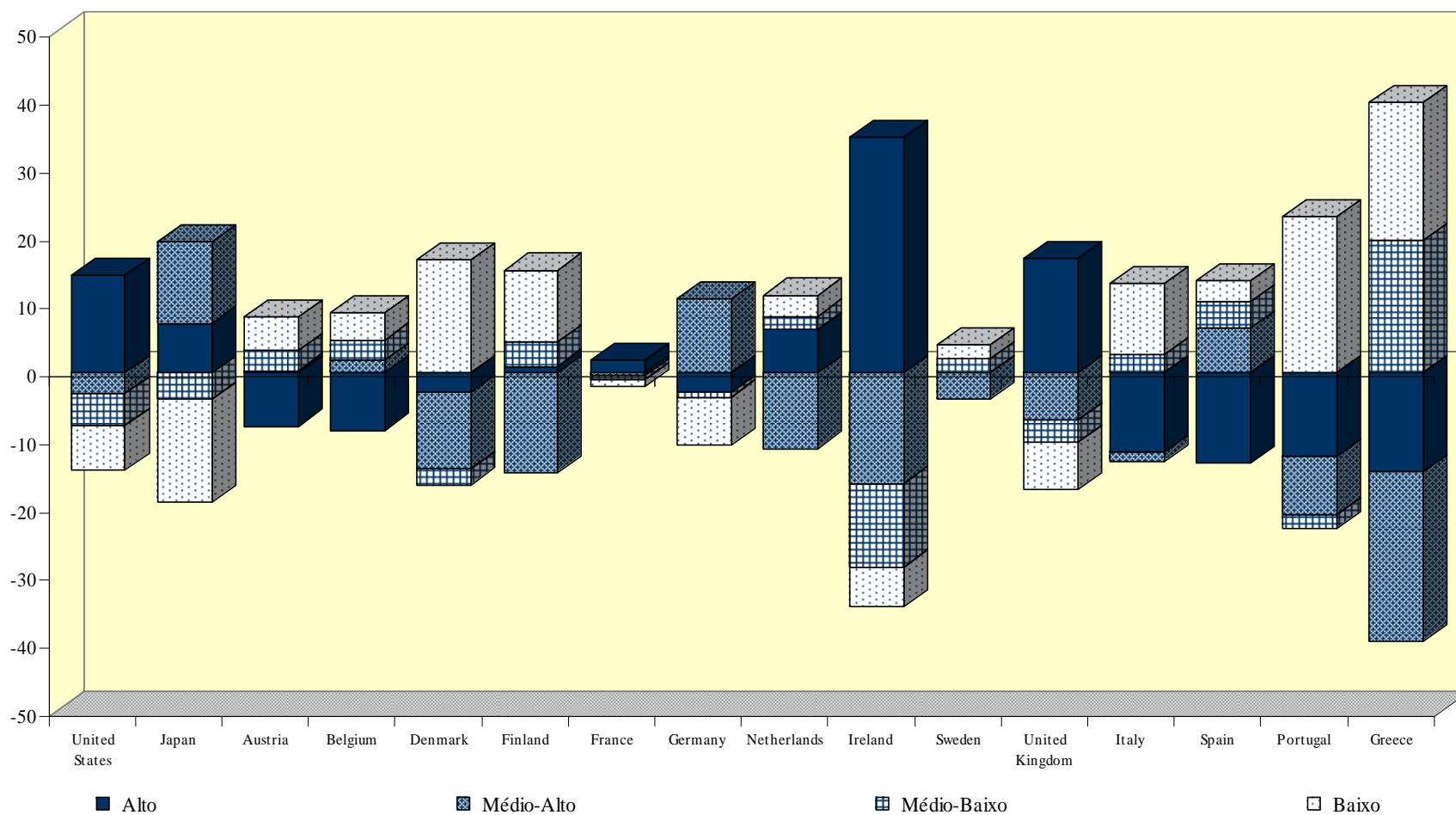
Padrão Tecnológico de Especialização

(Estrutura das exportações, desvios face à média da OCDE, em pontos percentuais – 1992)



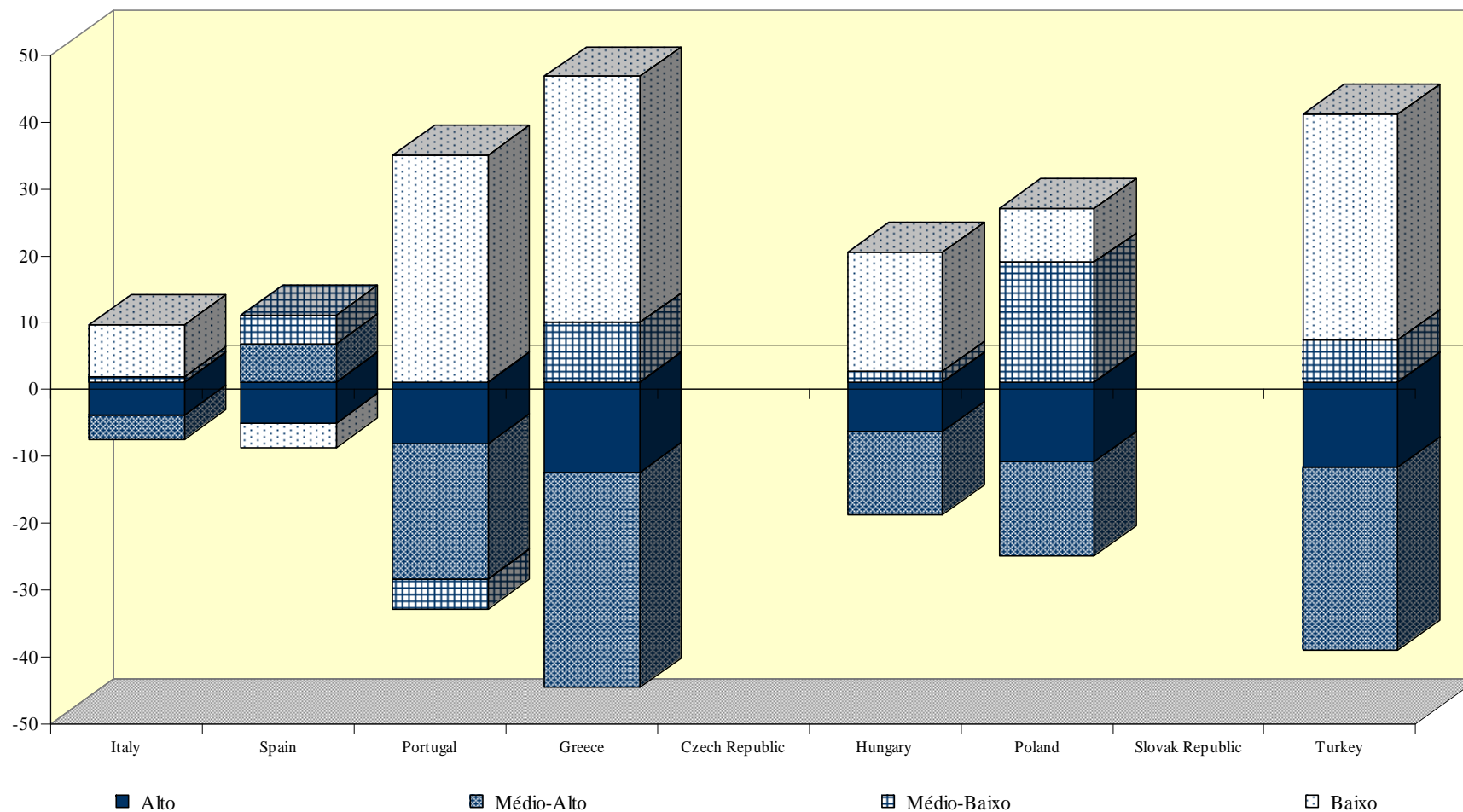
Padrão Tecnológico de Especialização

(Estrutura das exportações, desvios face à média da OCDE, em pontos percentuais – 2001)



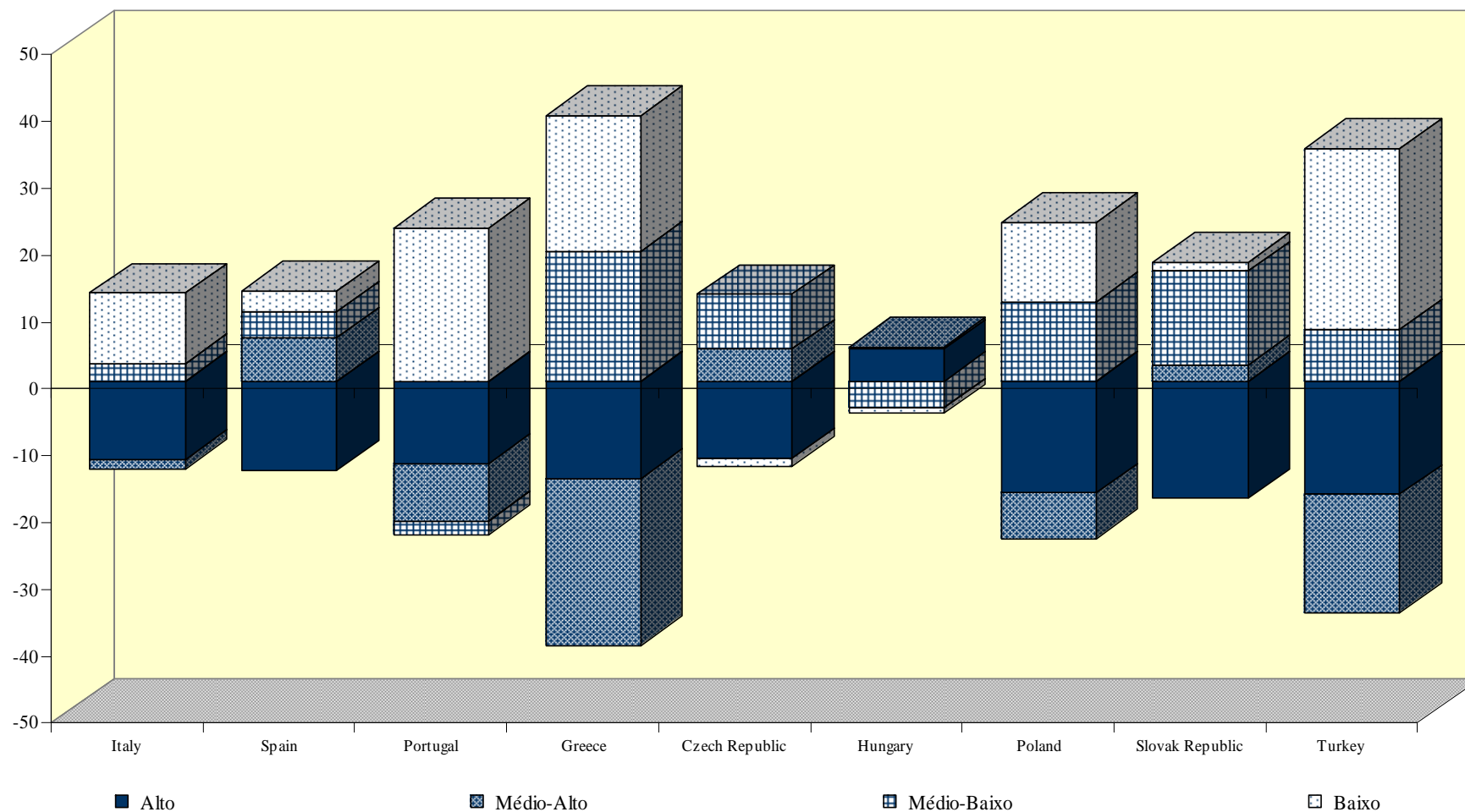
Padrão Tecnológico de Especialização

(Estrutura das exportações, desvios face à média da OCDE, em pontos percentuais – 1992)



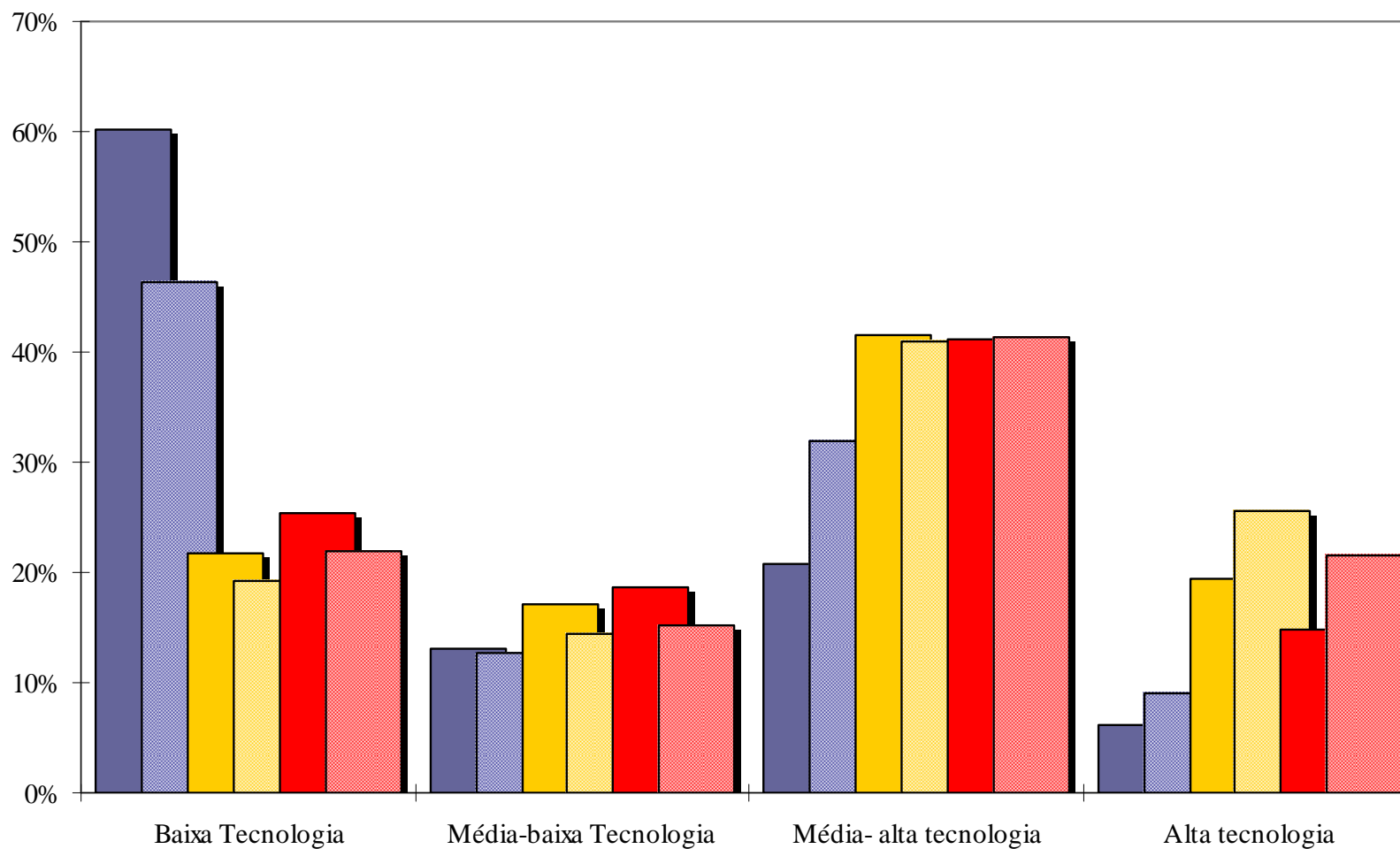
Padrão Tecnológico de Especialização

(Estrutura das exportações, desvios face à média da OCDE, em pontos percentuais – 2001)



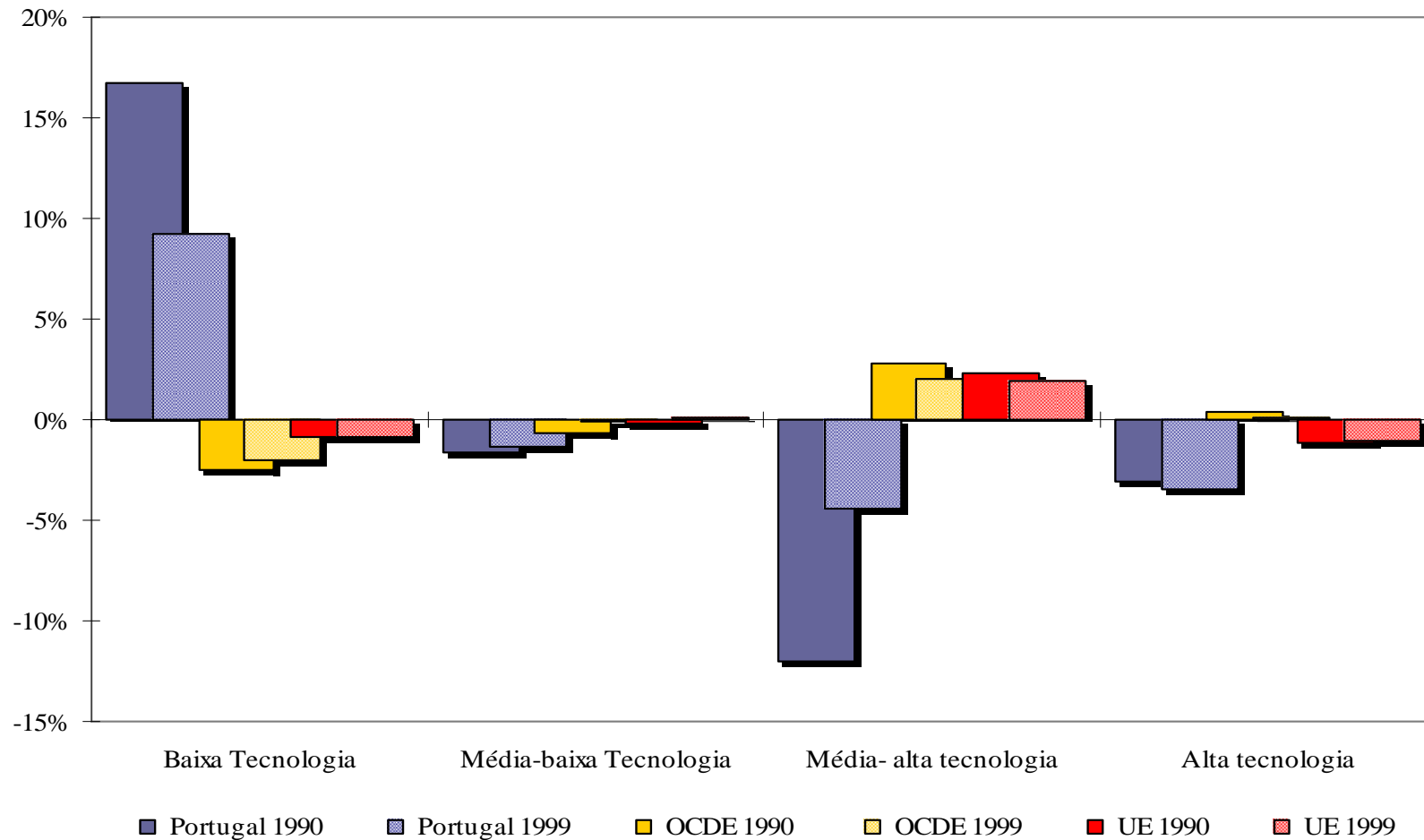
Peso relativo dos segmentos tecnológicos nas exportações industriais

(Portugal, OCDE e União Europeia, 1990 e 1999, %)

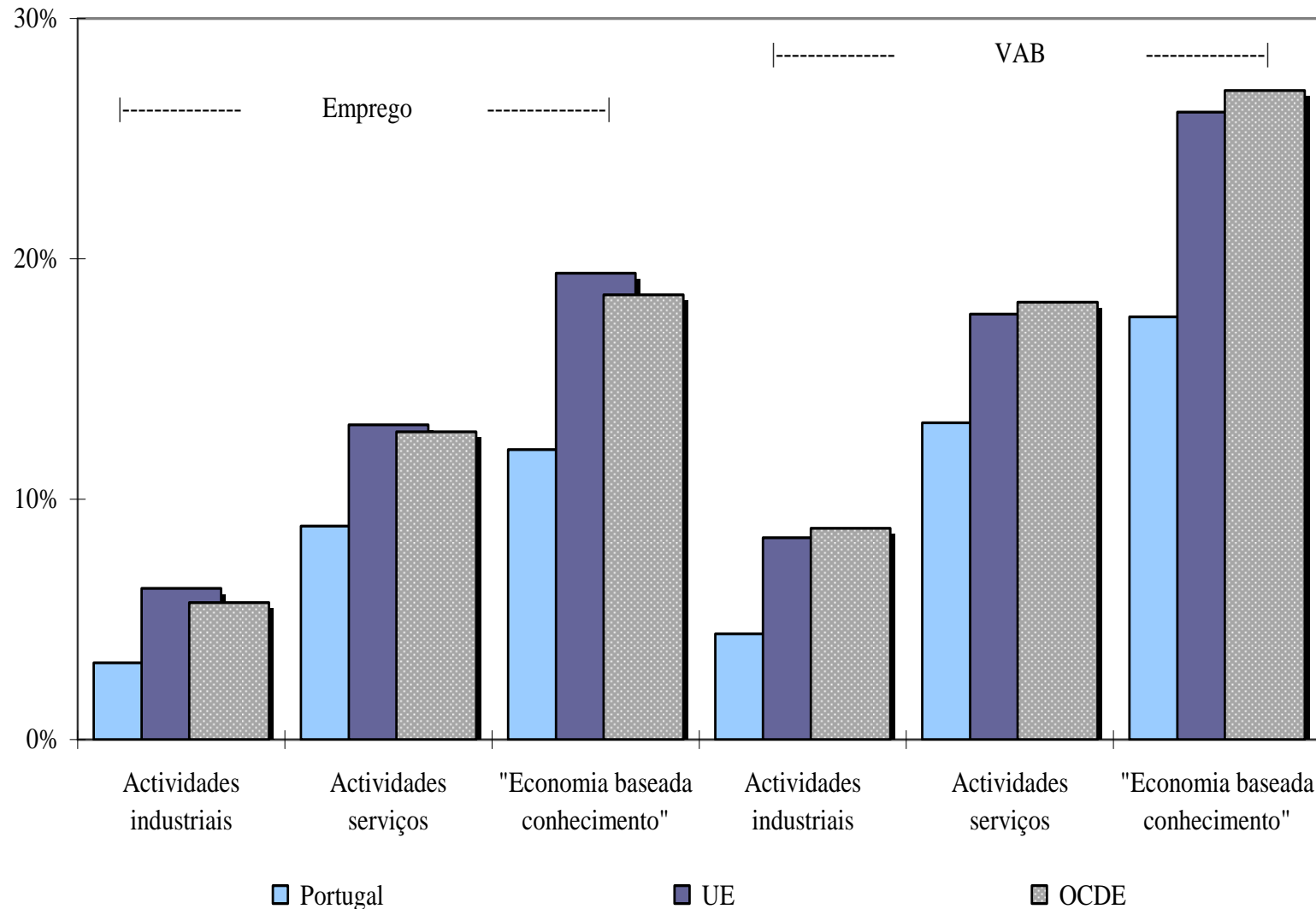


Contributo dos segmentos tecnológicos para a balança comercial industrial

(Portugal, OCDE e União Europeia, 1990 e 1999, %)

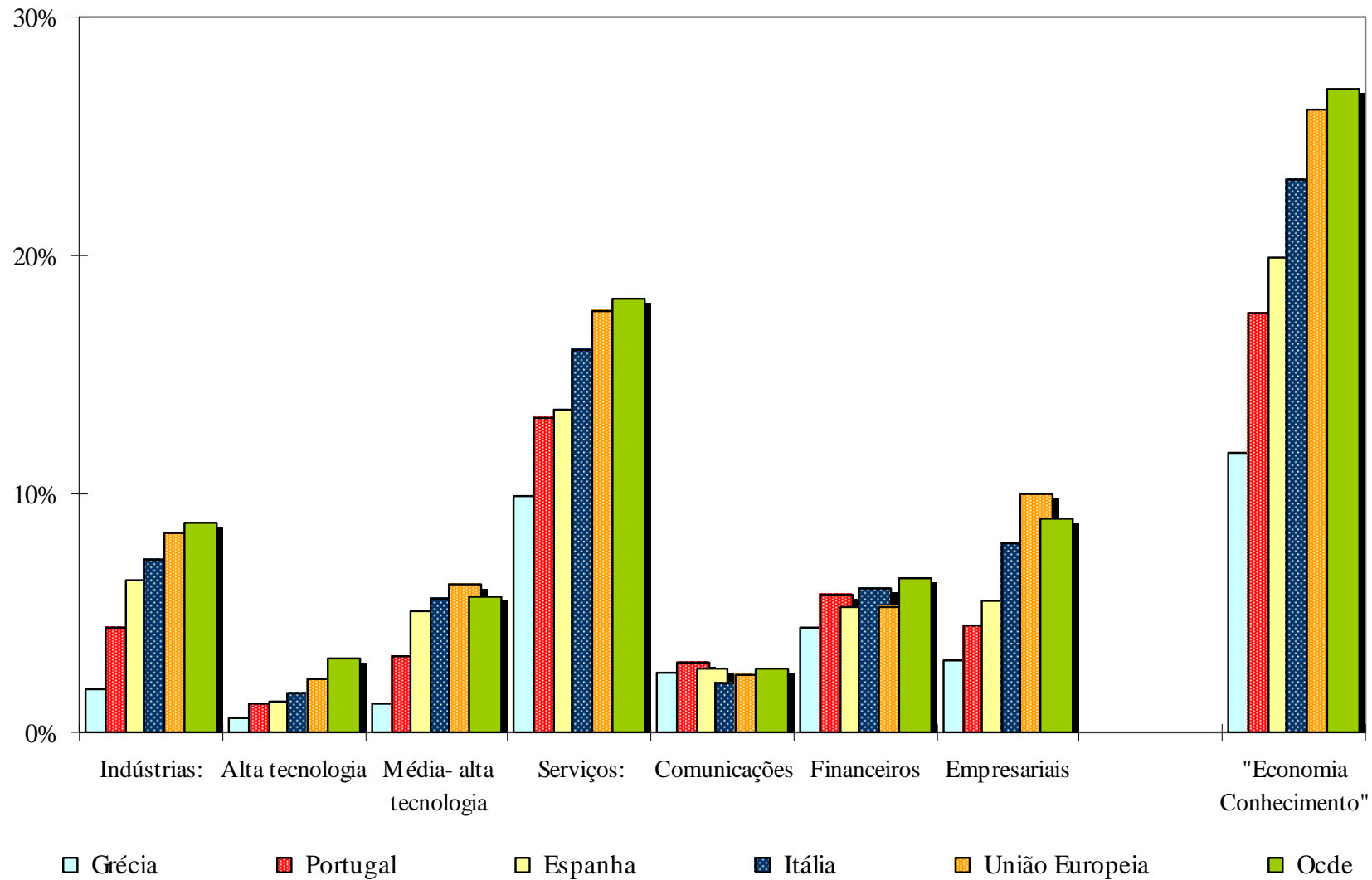


A emergência da "economia baseada no conhecimento" (Portugal, OCDE e União Europeia, 2000, %)



Uma hierarquia bem estabelecida

(Peso relativo no VAB, 1998, %)



Os desafios competitivos globais que se colocam à Economia Portuguesa ...

Os desafios que se colocam a Portugal são, sobretudo, **desafios competitivos**, isto é, desafios ao nível da organização e da gestão, dos recursos humanos e das competências, da tecnologia e da inovação, da distribuição e da logística que enquadram e configuram a construção (ou não) de novas **vantagens competitivas de médio e longo prazo e o enriquecimento e alargamento das cadeias de valor das actividades económicas desenvolvidas.**

São estes desafios competitivos que, uma vez enfrentados com êxito, permitem avançar no terreno do crescimento sustentado dos níveis de **produtividade** e percorrer os caminhos de “retoma” da **convergência real e nominal** e da **estabilidade macroeconómica**, diminuídas nos tempos mais recentes..

... São muito exigentes e duradouros

Os desafios colocados pelo novo quadro competitivo, que o alargamento da União Europeia vem reforçar, exigem **mudanças e ajustamentos de natureza “real”**, isto é, uma melhoria relativamente radical da **eficiência na criação de riqueza**, exactamente porque as nossas fraquezas assim o determinam, havendo, não obstante, que **reassegurar, em termos “nominais”, as condições de estabilidade macroeconómica e sustentabilidade orçamental** propícias à realização de investimentos de médio e longo prazo com vista à construção de novas vantagens competitivas associadas à renovação do padrão de especialização e dos modelos de negócios prevalecentes, actualmente, na economia portuguesa...

Um novo modelo de coordenação das políticas

